

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA**

**MAURO BUENO DE GODOY JUNIOR**

**A FÉ COMO MEIO DE SUPERAÇÃO DA ANGÚSTIA COM  
PERSPECTIVA DA DOENÇA DA MORTE EM SØREN KIERKEGAARD**

**CAMPINAS / SP  
2024**

**MAURO BUENO DE GODOY JUNIOR**

**A FÉ COMO MEIO DE SUPERAÇÃO DA ANGÚSTIA COM  
PERSPECTIVA DA DOENÇA DA MORTE EM SØREN KIERKEGAARD**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

**CAMPINAS / SP  
2024**

J95f	<p>Junior, Mauro Bueno de Godoy</p> <p>A FÉ COMO MEIO DE SUPERAÇÃO DA ANGÚSTIA COM PERSPECTIVA DA DOENÇA DA MORTE EM SØREN KIERKEGAARD / Mauro Bueno de Godoy Junior. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.</p> <p>56 f.</p> <p>Orientador: Paulo Moacir Godoy Pozzebon.</p> <p>TCC (Bacharelado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia , Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia.</p> <p>1. filosofia. 2. angústia . 3. desespero e fé . I. Pozzebon, Paulo Moacir Godoy . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Filosofia . III. Título.</p>
------	---

**MAURO BUENO DE GODOY JUNIOR**

**A FÉ COMO MEIO DE SUPERAÇÃO DA ANGÚSTIA COM  
PERSPECTIVA DA DOENÇA DA MORTE EM SØREN KIERKEGAARD**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

Trabalho avaliado e aprovado pelo docente responsável em 02/12/2024.

*Muito bom trabalho, denota grande capacidade de pesquisa e de reflexão filosófica.*

*Nota: Dez.*



---

Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

*A angústia é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática.  
Søren Aabye Kierkegaard*

## **AGRADECIMENTOS**

Desejo começar agradecendo, com tamanha gratidão a Aquele que é, de forma incomensurável, inesgotável e verdadeiramente o Amor, que me deu e me dá a vida, fé e esperança na minha jornada aqui na terra: Deus. A Bem-aventurada virgem Maria, mãe do meu Senhor e minha, ela que carrego com carinho nos títulos de Fátima e Esperança, verdadeiro auxílio na minha vida e vocação, a qual sempre estive diante das minhas orações. A Santo Agostinho, meu intercessor no céu, meu santo que entrego fiel devoção.

Agradeço de forma sincera a toda igreja de Bragança Paulista, esta especial diocese que nasci e cresci, que acolhe e cuida de seus filhos, principalmente nos cuidados a minha vocação presbiteral. Em especial a minha paróquia de origem, Nossa Senhora da Esperança em Bragança Paulista, que desde sempre estive contribuindo no meu crescimento pessoal e espiritual, fornecendo boas amizades aprendizados e alegrias.

Rendo graças pela vida da minha família, minha mãe Ana Fernandes Matos, exemplo de mulher que sempre tive, guerreira e trabalhadora, minha primeira catequista que me levou no caminho de fé. A meu pai, Mauro Bueno de Godoy, ele que nunca mediu esforços para criar seus filhos, com ele aprendi verdadeiramente a defender aqueles que amamos, seu exemplo de pai fomenta na minha vocação presbiteral. A minha irmã, Amanda Matos de Godoy, ela que amiga e irmã é primeiramente um pedaço de mim, pois somos a forte conexão de amor, presença e amizade. Ao meu irmão Heitor Matos de Godoy, que como minha irmã ele também é outro pedaço de mim, e como sempre digo a todos, ele é meu presente que recebi no Natal, meu amor por você é sincero e verdadeiro.

Felicito benções sobre a vida dos padres que me ensinam como ser cada vez mais o sacerdote que desejo ser, principalmente ao padre Diego Braga, Gustavo Ferreira e Tiago Costa, e os meus irmãos de seminário, Fabio Junio, Christian Luan, Mario Felipe, Gustavo Ortiz e Lucas Fattori que estão sempre comigo nesta caminhada. E a todos os paroquianos que se tornaram minha família, Aline Tilhaqui, Daiane Pereira e João Marcos.

Por fim, dedico este meu trabalho a todos os que passam por desesperos e depressão na vida, espero que, orientados na fé verdadeira, possam encontrar o alento no Deus que ama e acolhe, Senhor da esperança, Pai de misericórdia.

## RESUMO

Este trabalho visa como o tema principal de pesquisa, os estudos da filosofia existencialista de Søren Kierkegaard, com o tema “A fé como meio de superação da angústia na perspectiva da doença da morte” que eleva um foco no conceito de angústia, sobre a falta do transcendente, que leva à doença da morte, esta por sinal causada pelo desespero. Para o dinamarquês. Até quando a angústia será vista como uma melancolia? E até onde o desespero vai nos levar? Alguns dos objetivos será a apresentar os conceitos principais, e a relação do pensamento Kierkegaardiano sobre a fé, e relacionar a existência humana na visão deste filósofo existencialista. Para obtenção dos resultados esperados neste projeto, será o estudo do autor, sua história e pensamento filosófico, tais como suas ideias centrais acerca da filosofia existencialista. Para isso será utilizado como obra principal “O conceito de angústia” (2020), como também comentadores de Kierkegaard e artigos científicos.

**Palavras chaves:** angústia, existencialismo, Kierkegaard, desespero, fé, doença, morte.

### **Abstract**

This work focuses on the existentialist philosophy of Søren Kierkegaard as the main research theme, with the topic *"Faith as a Means of Overcoming Anguish from the Perspective of The Sickness unto Death"*. It emphasizes the concept of anguish related to the absence of the transcendent, which leads to the sickness unto death—a condition caused by despair. For the Danish philosopher, how long will anguish be seen as mere melancholy? And where will despair ultimately take us? Some of the objectives include presenting the main concepts and exploring the relationship between Kierkegaardian thought on faith and human existence from the perspective of this existentialist philosopher. To achieve the expected outcomes of this project, the study will delve into the author's life, his philosophical thought, and his central ideas on existentialist philosophy. The primary work to be used is *"The Concept of Anxiety"* (2020 edition), along with Kierkegaard commentators and scientific articles.

**Keywords:** anguish, existentialism, Kierkegaard, despair, faith, illness, death.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. KIERKEGAARD, FÉ E O INDIVÍDUO</b> .....	15
<b>2.1. Vida</b> .....	15
<b>2.2. O indivíduo.</b> .....	18
<b>2.2.1. Indivíduo e a Fé</b> .....	19
<b>2.2.2. Preocupação com a existência</b> .....	21
<b>2.2.3. A angústia, primeiros passos</b> .....	23
<b>2.2.4. O desespero, primeiros passos</b> .....	25
<b>2.3. Outros conceitos</b> .....	26
<b>2.3.1. Estética</b> .....	26
<b>2.3.2. Ética</b> .....	27
<b>2.3.3. Religião</b> .....	27
<b>3. A ANGÚSTIA</b> .....	29
<b>3.1 Perspectiva de Kierkegaard sobre o conceito de angústia</b> .....	29
<b>3.1.2. Pressuposto do pecado hereditário</b> .....	30
<b>3.1.3. O primeiro pecado</b> .....	31
<b>3.1.4. Inocência</b> .....	32
<b>3.1.5. A queda</b> .....	33
<b>3.1.6. O conceito de angústia até aqui</b> .....	33
<b>3.2. Duas maneiras da angústia</b> .....	35
<b>3.2.1. Objetiva</b> .....	35
<b>3.2.2. Subjetiva</b> .....	36
<b>3.3. Angústia e seu conseqüente, o pecado</b> .....	37
<b>3.3.1. A falta do espírito</b> .....	38
<b>3.3.2. No sentido do destino, angústia dialeticamente</b> .....	38
<b>3.3.3. No sentido de culpa</b> .....	39
<b>3.4. Angústia, pecado, conseqüência e o mal</b> .....	40
<b>3.4.1. Diante do mal</b> .....	40

3.4.2. Diante do bem .....	41
<b>4. MORTE, ANGÚSTIA, DESESPERO E FÉ .....</b>	<b>42</b>
4.1. Síntese da angústia .....	42
4.2. Angústia ao desespero.....	44
4.3. Desespero e morte .....	46
4.4. Uma sociedade do desespero guiada pela depressão.....	47
4.5. Fé como meio de superação da angústia, desespero e morte .....	49
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>54</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, “A esperança é uma linda donzela que te escapa entre os dedos...”, visto em seu livro *A Repetição*, de 16 de outubro de 1843, podemos afirmar que uma das figuras centrais em sua construção do pensamento sobre a existência humana está diretamente relacionado com a temática da fé. Kierkegaard, em sua filosofia, busca responder à questão de como a angústia, o sentimento predominante, pode ser compreendido e trabalhado a partir da liberdade, do pecado original e do sentimento de culpa hereditária. Ele não se detinha apenas na questão da pecaminosidade individual, pois a psicologia, à época, já se encontrava limitada pela primeira Ética. Sendo assim, o conceito de pecado, anteriormente visto de forma dogmática como algo hereditário, serviu para individualizar o ser humano, mas Kierkegaard o tratou fora do escopo de outras ciências, permitindo estudar profundamente sua manifestação, e não sua origem.

Na sociedade atual o homem não consegue explicar as inquietações de seu ser, e diante a isso, tentar afugentar tais inquietações, isso gera no ser humano uma angústia e um medo da única certeza que se encontra a sua frente a MORTE, a vida parece ser breve e insuficiente e suas realizações não serão supridas. De onde veio tal angústia? E como podemos lidar com a situação da angústia gerada na morte? E como podemos lidar com a morte ocasionada pelo desespero? A angústia foi tratada sempre como uma visão de senso comum, como melancólica, e descrita pela língua portuguesa; anseios, aflições, medos, desesperos, e a muitos que tratam como uma doença. Para isso, a fim de combater tais caracterizações ordinárias, Kierkegaard, nos traz a relação que a angústia é como uma causa primeira da compreensão da existência, necessária ser vista como positiva, uma escola de ensinamento da vida, e a possibilitadora da liberdade e alcance da fé.

Na introdução de “*O Conceito de Angústia*” (2020), livro escrito por Kierkegaard, assinado sob o pseudônimo Vigilius Haufniensis, o autor realiza uma sondagem psicológica sobre a possibilidade real do pecado, enquanto a dogmática teológica busca explicar o pecado hereditário como uma possibilidade ideal. Kierkegaard, crítico da filosofia hegeliana, que tentou racionalizar e sistematizar a fé cristã, também se opôs à igreja e ao cristianismo institucionalizado, mesmo

continuando a se considerar cristão. Ele criticou a forma conformista com que a fé era pregada, perdendo de vista a fé individual, e investigou em sua filosofia o indivíduo e sua liberdade.

Conforme Umberto Regina, em sua análise biográfica, publicada no ano de 2016, Kierkegaard observa como “os homens estavam prontos a se deixarem distrair, a se esquecerem do que é mais humano para qualquer indivíduo: a existência, deixando de dar importância fundamentalmente, até eterna, a todos os momentos da própria vida perante Deus [para Gud].” Kierkegaard desejava tratar da liberdade para livrar a fé dessas percepções conformistas e, segundo ele, pagãos. Para ele, a angústia é, em certas circunstâncias, a possibilidade de ser livre, o que é essencial para o desenvolvimento humano. Aqueles que não compreendem essa perspectiva não alcançam a consciência do senso de responsabilidade e deixam-se levar ao desespero, que, ao contrário da angústia, levam à doença e à morte, resultando na desconexão com Deus e no pecado. O combate ao pecado, segundo Kierkegaard, é a superação da angústia, e o afastamento do desespero que conduz à morte é progresso pela fé.

Para isso, a filosofia deve se concentrar na existência, no indivíduo e na realidade singular, afastando-se de conceitos abstratos. Esse é o ponto de vista crítico de Kierkegaard em relação a Hegel. O sentido da vida é responsabilidade de cada indivíduo, e cada um tem o dever de escolher o que é bom para si.

É essa liberdade que nasce a angústia, pois, sendo fruto da vontade, o homem adquire a capacidade de discernir o que é melhor para si. Com o aumento da consciência e do dever, surge o senso de responsabilidade.

Percorrerei em meus estudos os pensamentos filosóficos de Søren Kierkegaard, traçando as ideias e conceitos que diz respeito à corrente filosófica existencialista e sua concepção de angústia, desespero e fé. Para efetuar essa pesquisa vou aprofundar nas duas obras que abordam o conceito de angústia e desespero, “o desespero humano” e “o conceito de angústia” ambos de autoria do filósofo dinamarquês. As obras nos trazem respectivamente a definição kierkegaardiano de desespero, responsável pelo afastamento do relacionamento com o próximo e com Deus, a aproximação da doença da morte, e a angústia, possibilidade de compreender o indivíduo e sua consciência de responsabilidade. E para

complementar a análise da angústia e desespero, a abordagem da fé e o transcendente na leitura feita por Søren sobre a história de Abraão. Artigos, comentadores e outros serão utilizados para facilitar na transmissão deste conhecimento.

O livro “*O Conceito de Angústia*” (2020) é dividido em cinco capítulos, e o conceito é analisado a partir da existência humana. Usando o pseudônimo Vigilius Haufniensis, como psicólogo, Kierkegaard busca responder à questão da angústia sem abandonar a compreensão dogmática do pecado hereditário. A angústia, quando não superada pelo “salto da fé”, leva ao desespero. Para evitar esses problemas, o filósofo propõe a fé como solução para superar a angústia.

Como escritor cristão, Kierkegaard tenta desempenhar a missão de salvar o indivíduo, estabelecendo uma ponte entre a filosofia e a teologia. Em sua obra *Temor e Tremor*, ele apresenta a figura de Abraão, destacando a presença religiosa do patriarca como exemplo de fé.

Em resumo, o homem se encontra em uma situação de liberdade em sua existência, o que o coloca frente a frente com a angústia de sua finitude. Essa angústia, se não superada, leva ao desespero, a doenças e, eventualmente, à morte. A fé, segundo Kierkegaard, oferece a possibilidade de superar a angústia e encontrar um caminho de salvação.

## 2. KIERKEGAARD, FÉ E O INDIVÍDUO

### 2.1. Vida

O filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard se destacou na história da filosofia como um pensador da existência humana, dedicando-se à relação do indivíduo com a fé e o divino. Durante sua vida, Kierkegaard buscou respostas para a angústia humana e o processo de um "salto" para alcançar a verdadeira felicidade.

Søren conhecido como “solitário, enigmático, e brilhante, havendo mais do que um leve cheiro de escândalo a seu respeito, Søren Kierkegaard há muito desfrutava da reputação de um perigoso dândi na cidade” (BACKHOUSE, 2019, p. 17). Essa descrição revela o perfil que o acompanhou ao longo de sua vida: um verdadeiro cavalheiro, intelectual e elegante. Mesmo que, muitas vezes, sua escrita fosse complexa para o público geral, seus livros eram admirados. “Cidadãos moralmente honrados admitam que ele era um bom escritor; [...]” (BACKHOUSE, 2019, p. 18). Kierkegaard também foi considerado um grande teólogo de seu tempo, tendo uma forte influência sobre o cristianismo, mesmo já não sendo mais ativo na igreja.

De acordo com Stephen Backhouse em seu livro Kierkegaard: uma vida extraordinária, os jovens de seu tempo o conheciam devido as caricaturas e desenhos que se era retratado dele na revista satírica Corsaren publicava constantemente, assim para diversos grupos Søren era lembrado de maneiras diversas como fala o autor:

Esses cidadãos respeitáveis conheciam-no como aquele que o rei da Dinamarca havia marcado com um favor especial. Cidadãos menos respeitáveis ou conheciam Søren como aquele que parava para conversar com eles em seus passeios pela cidade, ou como aquele em quem atiravam pedras quando passava cidadãos que eram estudantes sabiam que o primeiro nome dele, quando ligado a um personagem em uma revista de comédia, ganharia risadas automaticamente. Pela mesma razão, as mulheres da cidade que estavam grávidas removeram esse nome da sua lista de possíveis nomes de bebês. Os romancistas da Idade de Ouro da Dinamarca, incluindo Hans Christian Anderson, anteciparam e ainda temeram as críticas de Søren sobre seus últimos trabalhos. Poetas e dramaturgos admiravam o homem que escrevia ficção provocativa. Filósofos o liam devido a suas declarações sobre a natureza do tempo, da existência e do significado da vida. Os conservadores gostavam de Søren por sua oposição à democracia e à revolução. Os liberais gostavam de Søren por sua defesa do indivíduo e do homem comum contra as forças da tradição herdada. Os ateus adoravam seus ataques ao clero e à religião oficial da cristandade. Os

reformadores, ansiando por uma renovação do cristianismo na terra, também adoravam seus ataques ao clero e à religião oficial da cristandade.” (BACKHOUSE, 2019, p. 18, 19)

A visão enigmática de si cresceu durante seu tempo, pois por onde se perguntava de Kierkegaard, se podia obter uma resposta diferente de sua pessoa, e dependendo da resposta se podia obter uma figura com um poder intelectual potente ou um indesejável homem na sociedade Dinamarquesa de seu tempo.

Søren nascido no dia 5 de maio de 1813, na cidade de Copenhague, filho mais novo de Michael Pederson e Ane Sorensdatter. O pai era pastor inicialmente e depois se tornou dono de um comercio de tecidos e produtos coloniais, que demonstrava a estabilidade financeira da família, sempre se preocupava com a parte educacional de seus filhos principalmente de Søren Aabye Kierkegaard e Peter Christian seu irmão mais velho. Os demais irmãos, ao todo 5, faleceram ainda quando crianças. A sua mãe veio a óbito primeiro que o pai no ano de 1837, não sendo tanto citada pelo filho em suas obras futuras. Seu pai mantém a criação dos filhos em rigor pietista, conservando os valores cristão. Ele vai falecer em ano após a morte de sua esposa, no ano de 1838. Ao contrário da mãe, Søren menciona, com grande carinho, seu pai em suas obras.

Kierkegaard começa seus estudos na faculdade de Teologia de Copenhague, mas demora para se formar, considerando-se cansado, entre o período que inicia 1830 até 1835, quando ele manda uma carta ao seu enteado “Quanto aos pequenos aborrecimentos, eu direi apenas que estou começando a estudar para o exame de teologia, uma ocupação que não me interessa nem um pouco e que, portanto, não me preocupa que seja feito logo” (BACKHOUSE, 2019, p. 57), depois desta carta se passa mais 5 anos até sua formatura, somatizando em 10 anos desde do ingresso a faculdade até sua formatura.

No ano de 1837, enquanto estava na casa de seu amigo, Søren conhece Regina Olsen, jovem que ele menciona em seus escritos como uma paixão que o enfeitiçou, “Naquela noite, Søren não a menciona pelo nome em seu diário, mas anota o acontecimento e, mais tarde, descreverá o efeito que ela teve sobre ele como algo semelhante a um feitiço.” (BACKHOUSE, 2019, p. 73), com ela ele chega a noivar, mas não se casa, rompendo seu noivado e logo em seguida partindo para Berlim, “Em 25 de outubro, Emil e Peter acompanham Søren até o cais do porto. Ele precisa se

afastar e decidiu morar em Berlim por alguns meses” (BACKHOUSE, 2019, p. 96). Após mais ou menos 6 meses, no dia 6 de março de 1842, conforme o livro “Kierkegaard: uma vida extraordinária”, de Stephen Backhouse (2019, p. 99), ele retorna para Copenhague, e voltaria a Berlim por mais duas vezes como viagem curtas, mas este período na Alemanha fica marcado como o maior período que Søren fica longe de casa. Em seu retorno para Dinamarca, Kierkegaard encontra-se com os textos filosóficos de Hegel, que posteriormente, torna-se um grande crítico do filósofo alemão. Hegel tem sua filosofia baseada nos conceitos, a qual para Søren, isso não deveria acontecer, ele toma como partida de sua filosofia o investigar da existência (o indivíduo em sua realidade singular).

Ele constitui uma filosofia que se estrutura num patamar onde se pode ter a liberdade de escolha e a busca deste propósito:

Já em 1835, havia decidido se dedicar à pesquisa de uma nova concepção da verdade, ‘uma verdade para mim’, ou seja, em meu favor de meu verdadeiro bem, para a qual valha a pena viver e morrer, ou seja, uma verdade nada arbitrária de fato. Enten - Eller, oito anos depois, conclui-se com as palavras: “Apenas a verdade que edifica é a verdade para ti”. O edificante é o “pensamento de estar sempre errado perante Deus”, ou seja, perante o Transcendente. Apenas assim é que se evita fazer da verdade um “objeto”, uma posse com a qual se identificar e em que se esquecer de “existir”. O homem deverá, portanto, “acentuar” a sua existência na manutenção e no aprofundamento da “infinita diferença qualitativa “que o separa e que, ao mesmo tempo, o mantém em “relacionamento com Deus”. (REGINA, 2016, p. 11)

Kierkegaard fundamenta em suas obras o entendimento (conceito) de verdade, pois para si a verdade deve edificar e ser a verdade para si. Ao seguir por esta linha o filósofo dinamarquês encontrou algumas dificuldades com a socialização daqueles que convivia. Ocasinou uma ridicularização de sua pessoa “Em janeiro de 1846, no semanal satírico O consário, redigido por M.A. Goldschmidt e por P.L. Moller, foram publicados desenhos que ridicularizavam seu modo de vestir e seu físico, e de fato o acusavam de se colocar no centro da atenção pública.” (REGINA, 2016, p. 13). Para ele, se viu posto sobre um martírio ao ver-se excluído da convivência e de seus estudos de análises psicológicas.

Fica-nos claro como para Kierkegaard a subjetividade era seu maior amor, pois para ele não se podia olhar para as pessoas como uma multidão, de maneira geral, num sentido numérico, mas sim na sua singularidade. No dia 11 de novembro “depois

de uma doença de seis semanas, o Dr. Søren Aabye Kierkegaard foi levado desta vida terrena, no seu quadragésimo terceiro ano, por uma morte serena, [...]” (BACKHOUSE, 2019, p. 20).

## 2.2. O indivíduo.

Partindo para a filosofia de Kierkegaard podemos ver em seus, escritos o seu foco numa filosofia próxima do existencialismo, tentando trazer um protagonismo diferente sobre o indivíduo fugindo das concepções já determinadas pelas épocas. Søren busca diferenciar sua forma de ver o indivíduo e tenta responder à necessidade de corresponder o indivíduo como “existência do indivíduo”. Esse início de sua filosofia se dá na apresentação de sua conclusão na sua Faculdade de Teologia de Copenhague:

Um dia inteiro, 29 de setembro, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Copenhague foi ocupado pela discussão de *O conceito de ironia* – constantemente referindo a Sócrates, dissertação apresentada por Søren Kierkegaard, de 28 anos, para conseguir a graduação em Teologia e o título de *Magister artium*. Kierkegaard se expressa através de Sócrates, não daquele de Xenofonte, Platão e Aristóteles, nem mesmo daquele de Hegel, que faz do Sócrates histórico o fundador da moral, mas sim daquele que, com sua ironia, aniquila o papel do conceito de “substância”, tão importante para a filosofia grega ou moderna. Sobre a função negadora que a subjetividade exercita enquanto ironia, Kierkegaard se aproxima aparentemente de Hegel, mas dele se afasta ao interpretar a subjetividade de Sócrates de forma a substituí-la de qualquer perspectiva de resolução em saber positivo: (REGINA, 2017, p. 17, 18)

Para Kierkegaard a filosofia agora sustentada nas ideias de Hegel, a qual ele se aproxima, vai ao lado da função de negar a subjetividade e atesta a dificuldade em ver a filosofia de Sócrates em relação ao ser devido a morte. Para ele se esvazia a realidade no nada saber em relação a morte, e isso afugenta a existência, não temer a morte é um caminho de recuo, recusar a própria existência. Isso podemos ver que na filosofia de Sócrates se tem o conceito de substância como sendo negada, a um alinhamento com o pensamento de Hegel, mas se põem em discussão, como uma ruptura quando se trata no posicionamento do conhecimento positivo, pois para Kierkegaard esta visão com uma ênfase no coletivo não se era mais cabível ver. Então Søren parte para um pensamento no indivíduo:

Em todo o caso, Kierkegaard deve a Hegel de modo particular a ideia de cisão (divisão), de libertação da imediatidade. Mas, enquanto Hegel se entregou a uma fenomenologia do Espírito universal, através de suas mediações históricas, Kierkegaard, desviando-se de toda filosofia da história, se consagrou, com mais modéstia, a uma “fenomenologia do espírito individual”, na expressão de Adorno, ou seja, uma fenomenologia da existência. (FARAGO,2006, p. 69)

Firma-se aqui a cisão que Søren realiza em Hegel quando foca na construção de uma análise da existência humana individual, mesmo tendo a influência da filosofia Hegeliana sobre um desenvolvimento de uma consciência coletiva, uma visão universalista, Kierkegaard vai concentrar em responder a experiência subjetiva e existencial do indivíduo.

### 2.2.1. Indivíduo e a Fé

Certamente a fé entra como material de estudo para Kierkegaard onde se pode obter a resposta permanente das coisas, ou melhor, se pode então dialogar com o futuro em um desejo de verdadeiro “bem”, mas enquanto se põem no posicionamento de um indivíduo em tentações, se verifica a tentativa de se apropriar de um “bem próprio”.

Kierkegaard imagina que o primeiro destes seja, por ele mesmo, discursado na igreja no dia do ano-novo, por si uma data não litúrgica, mas humanamente muito significativa enquanto ocasião para desejar todo o bem às pessoas a quem se deseja efetivamente um futuro bom. Quem faz um desejo assim não deve formulá-lo genericamente, mas individualizar a coisa que efetivamente constitui o bem que se adequa à pessoa amada: o *verdadeiro* bem *desta*. Mas como isto ser possível, já que nem mesmo o destinatário do desejo pode saber verdadeiramente em que consiste, ou melhor, em que coisa consiste seu verdadeiro bem?! O problema pode ser resolvido apenas desejando-lhe um bem que seja *vitória*: vitória sobre qualquer dúvida acerca da efetiva bondade do próprio bem para aquela determinada pessoa, uma bondade não só para hoje ou por pouco tempo, mas para sempre. No ano novo, será preciso portanto desejar-lhe nada além da *fé*. Apenas a fé, que pode “sondar” o futuro explorando-o pela “eternidade”, pode abrir a expectativa estrategicamente vitoriosa sobre qualquer outra expectativa destinada a render-se ao poder do tempo. (REGINA, 2017, p.60. 61)

Podemos ver neste trecho que no pensamento de Kierkegaard o filósofo se detém, trazendo a visão do ano-novo, o verdadeiro bem que se é feito a alguém. Surge então neste desejo a ideia de que este desejar não pode ficar batido a conceitos genéricos, mas, gerais, universal, mas individualizar, enfocando então no verdadeiro bem que se pode constituir naquela pessoa, indivíduo. Mas aqui se fica também um

levantamento de questionamento que o remetente pode deixar, pois a quem se destinou não fica a clareza o suficiente sobre o que lhe foi concedido. Para isto então tem a necessidade de realizar uma superação destas dúvidas, incerteza, ao desejar então algo que se pode transcender todas as dúvidas, isto se aplicaria então a fé

Søren vai transpor que o meio para se verificar, adentrar, sondar o futuro seria por meio da fé e eternidade, pois estes oferecem ao indivíduo a uma expectativa de vitória sobre tudo que fica a bel prazer, debaixo dos comandos, das limitações que o tempo faz. Então para como Bem Verdadeiro que se pode desejar seria a fé, que consigo vai trazer a capacidade de enfrentar o desconhecido.

A fé torna-se algo que por muitos desejariam receber, mas ela só se pode ser desejada “Certamente esta fé pode ser desejada ao se ajudar o destinatário do desejo a ‘conquistá-la’ ao ‘produzi-la constantemente’. A ajuda será filosófica e consistirá essencialmente em alertar aquele a quem desejo o bem da fé [...]” (REGINA, 2017, p. 62), isto torna que esta ajuda que a fé é, sendo ela então o bem maior que se pode ser desejado a alguém, só se pode ser alcançada por meio da ajuda filosófica, pois desta maneira que o indivíduo, destinatário da ajuda que foi oferecido, consegue levantar os aspectos da importância e a natureza da fé. Sobressai desta maneira de pensar como algo que se pode alcançar facilmente, ou melhor passivamente, mas se é preciso a força do ser alcançado, uma conquista e algo que torna remoto, constantemente produzido. O papel da filosofia adentra como o orientador para este desenvolvimento e sustentabilidade da fé:

A ajuda filosófica poderá ser efetiva apenas se quem ajuda já tem instrumentos críticos idôneos para desmascarar a imanência das perspectivas do “até um certo grau”, e a conexa ameaça insuperável do futuro. Tal ajuda não pode ser oferecida pela filosofia enquanto tal, a menos que se trate de uma filosofia que, por sua vez, tenha sido ajudada pelo cristianismo para que saiba, já na própria impostação do pensar, que o relacionamento com o Transcendente é “o original” da existência humana. Definitivamente, apenas um filósofo cristão – e Kierkegaard pensa implicitamente em si mesmo – pode oferecer a quem ama a plataforma sobre a qual se pode desejar a fé como expectativa de vitória para o existir humano. (REGINA, 2017, p. 63)

Esta direção da fé só se pode ser alcançada conforme o pensamento de Kierkegaard, quando se faz uma filosofia cristã, pois tal pessoa que vai orientar a pessoa a busca pela fé vai conseguir desta maneira uma ajuda consolidada na base de instrumentos críticos adequados, que superam a perspectiva humana, e a

superação da temporalidade como a incerteza do futuro. Este filósofo que consegue este relacionamento com o transcendente, que possui a essência da existência humana, consegue levar o direcionado a uma verdadeira orientação da direção da fé. Neste momento podemos verificar que Søren se põem como o filósofo cristão capaz de orientar o indivíduo para esta vitória na fé, pois julga sua filosofia capacitada pela base de pensamento como incorporada com conceitos cristãos, obtendo a sólida base comentada para o alcance da fé como verdadeiro bem. Uma filosofia enraizada na existência humana com compreensão cristã.

A fé torna-se para ele então instrumento impulsionador que instiga ao humano voltar seu olhar para frente, aquele que não há tem torna-se um indivíduo sem perspectiva. Para isso concluindo a fé como:

A fé é, portanto, relativa ao momento da autoconsciência, momento transcendental absolutamente específico, momento de “dependência” e de “passividade” em face da “origem” em que o indivíduo se recebe e a partir do qual, e somente a partir do qual existe, pensa, sabe, quer e se exprime. A fé outra coisa não é senão este reconhecimento de uma presença do absoluto no coração da consciência finita. (FARAGO, 2006, p. 158 e 159)

Podemos analisar que a fé é e está diretamente conectada, relacionada, a uma parte da autoconsciência, pois se caracteriza na dependência e de uma passividade com relação a sua origem transcendental que por sua vez é o sustento do indivíduo. Neste momento que se vê então a relação à qual o indivíduo encontra num ponto que aceita sua condição com relação a origem no divino, e mostra sua dependência para o existir, pensar, saber entre outros.

A fé torna-se então o reconhecimento deste absoluto, que se encontra na consciência do indivíduo, que por sua vez é finito, é o ato de reconhecer, para Kierkegaard, à Deus, presença ativa no humano. Tal conexão mostra a verdadeira fonte da vida e consciência do ser humano como ser individual.

### **2.2.2. Preocupação com a existência**

Para Kierkegaard, durante sua vida, vai trabalhar com preocupação, empenho, sobre a questão da existência e tenta em tudo “[...] mostrar a existência em seu devir e em suas tensões constitutivas e estruturante, seus paradoxos, suas contradições.

Se ele resgata a significação tradicional da existência cristã, transforma-a, todavia, essencialmente ao pensá-la como dever de encarnação.” (FARAGO, 2006, p. 74). A ideia impulsiona a existência de uma maneira reveladora, não carregando a ideia do “ser” como conceito universal dado, mas como aquele que posiciona como o homem responsável por pensar o ser, pensar o existir. O fazer pensar torna o ser humano o único existente o distinguindo dos animais que por sua vez não pensam:

Dado que Deus é o criador de todas as coisas, traços de sua onipotência liberdade criadora e do seu amor incondicional, universal e perseverante são encontrados por Kierkegaard também no mundo da natureza, com exemplos de como o homem deve se colocar e se manter em relacionamento com tal divina potência e tal divino amor. Um exemplo poético nos é dado por *O lírio no campo e a ave no céu*. Apenas o homem “existe”, propriamente; em particular o cristão sabe que todo momento de sua vida se deve à “comunicação de existência” por parte de Deus, e que por isso tem uma importância eterna. Daqui vem a tarefa de todo existente, e do cristão em particular, de “reduplicar” na própria existência todo o seu relacionamento com natureza, fazendo dele, de forma constante e sempre melhor, o “jardim” em que o próprio Deus pode passear e dialogar com ele. (REGINA, 2017, p. 203)

Esta crença vai trazer a concepção de que a existência cristã não fica posicionada como passiva, mas se torna em algo que deve ser vivenciado, ativa e em total concretude no seu cotidiano. Não consegue ficar preso num conceito abstrato da fé, para Søren, ela é a tarefa que cada humano deva vivenciar plenamente para que apareça de forma real. O transcendental como o criador, onipotente e libertador, obtendo um amor incondicional, enfatiza sua relação com a natureza do homem. Søren afirma que o ser humano é destinado a um relacionamento com Deus. Mesmo ciente de sua existência sendo sustentada no divino, como dádiva de Deus, a tarefa do humano é de sempre procurar a reduplicar o relacionamento entre o divino e a sua própria existência.

A reduplicação vai estar relacionada no dever do cristão de viver de maneira que seu condicionamento, sua natureza, com Deus mantenha constante e progressiva, sempre melhorando, podendo causar uma transformação na vida, que para Kierkegaard vai associar com o “jardim”. Ali naquele “jardim” Deus pode transitar e dialogar com você. O compromisso fica de manter o relacionamento com o transcendente, monitorando a importância da eternidade e a cada momento Deus possa estar presente na sua existência diária. “[...] distinto dos entes que só têm uma

existência de fato e não sabem quem são. Muito mais, para o homem, sua existência é uma tarefa, uma exigência: a de ter que devir, edificar-se.” (FARAGO, 2006, p. 75)

### **2.2.3. A angústia, primeiros passos**

Para apresentar a angústia em sua filosofia, Kierkegaard vai trabalhar em sua obra “O conceito de Angústia”, utilizando de um pseudônimo Vigilius Haufniensis. “[...] segue uma ‘ética nova’, ou seja, não mais condicionada pela imanência: ‘se a ética não tem nenhuma outra transcendência, é essencialmente lógica; e se a lógica deve ser tanta transcendência quanto, por razões de convivência, é necessário a ética, não é mais lógica’.” (REGINA, 2017, p. 79). Vemos neste trecho a ida do raciocínio de uma ética nova que se refere a não está mais apreendida na limitação e preocupações terrenas e racionais, mas vincula a uma ação transcendente que sobressai a lógica tradicional. Ele propõe uma ética genuína que não se sustenta na lógica racional, ela precisa do transcendente, interligado com relação ao divino, fé, e a responsabilidade que supera as convenções humanas e racionais.

Isso levou a compreender a angústia e a ressignificar esse conceito como uma estrutura educativa para alcançar o transcendente. Para seu pseudônimo, Virgilius Haufniensis, essa nova compreensão configura uma “ciência” inédita, considerada uma ética externa para a transcendência. É uma abordagem que, embora ignore o pecado para manter uma conceitualidade específica, ainda assim não perde de vista, diante do transcendente aberto, a realidade do pecado:

A “nova ciência”, que mantém a ética aberta à transcendência, pode ser chamada de “ética nova”, ou de “segunda ética”. A primeira ética ignora o pecado”, a partir do momento em que se mantém na imanência da pura conceitualidade; a segunda ética, entretanto, enquanto aberta à transcendência, “tem em seu âmbito a realidade do pecado”, não exclui sua desconcertante “possibilidade”. (REGINA, 2016, p. 80)

Neste momento o filósofo dinamarquês traz a distinção das duas éticas; a primeira está diretamente vinculada a uma imanência ignorando o pecado, conservando a uma conceitualidade pura, limita-se na visão racional, sem levar em consideração a realidade do pecado, enquanto a segunda ética se abre ao transcendente, retem na confirmação da realidade e a possibilidade do pecado, que

em si é algo desconcertante se não se encontra solução apenas por conceitos lógicos e racionais.

Assim a dimensão do transcendental da existência, onde o pecado faz parte da essência da condição humana, ultrapassa as limitações da ética puramente lógica e imanente, e abre-se na complexidade da vida moral, mostrando a fragilidade humana diante o pecado.

Seguindo como escritor cristão, ele tenta desempenhar a missão da salvação do indivíduo. Tenta desta maneira instaurar uma ponte entre a filosofia e a teologia. Na sua obra “Temor e Tremor”, vai apresentar a nós, a figura de Abraão, mostrando a presença humana religiosa no patriarca.

A figura de Abraão permeia tanto a dimensão humana pelo sentido de angústia quanto a dimensão religiosa em uma relação paradoxal com Deus. No entanto ambas caracterizam a singularidade própria ao indivíduo. Nesse sentido, a “[...] fé sem dimensão de angústia não é verdadeira fé. A angústia, sua irmã gêmea, é desejo e saudades de Deus” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 47). Em *Temor e Tremor* essas duas dimensões são representadas pela figura singular de Abraão. Desse modo, Kierkegaard compreende que o indivíduo constitui relação com o Absoluto a partir do ato de existir. Daí surge a necessidade de uma autenticidade de vida mediante a singularidade humana. (BRITO, 2020, p. 35)

Søren vai abordar a relação fé, angústia e indivíduo (singularidade) na figura religiosa de Abraão, na obra *Temor e Tremor*. Aqui podemos ver a relação intrínseca da fé Abraâmica com a relação a Deus, e condição humana, sendo marcada pela angústia vinculada a religiosidade. É apresentado como marca existencial da angústia é inseparável com a fé verdadeira, e aqui a fé só se pode ser verdadeira quando se está entrelaçada a angústia.

Søren Kierkegaard nos descreve os modos de vida que se pode alcançar o ser humano enquanto aqui na terra. Dentre os modos seu destaque se dá na vida religiosa, que a qual se vive no possível encontro a Deus e consigo mesmo, encontra a plenitude, a verdade se encontra na liberdade, se afugenta dos prazeres. Tudo isso e frutos de nossas escolhas, e as escolhas nos trazem as mudanças de vida.

#### 2.2.4. O desespero, primeiros passos.

Dos cuidados a ser tomados é que da mesma angústia se pode ter o desespero, que leva a perda do sentido da vida, o sentido de morte ganha predominância. Atentando a tal situação o desespero é o caminho do pecado, que por final o afastamento da fé. Em seu livro, “O desespero humano”, publicado em julho de 1849, com o pseudônimo Anti-Climacus, sai em partida em “[...] desfere contra a imanência consiste em declarar doentes de ‘desespero’ todos aqueles que se recusam a acolher o ato de amor que o próprio Deus cumpriu em relação ao homem, [...]” (REGINA, 2017, p. 141). Com isso o desespero torna-se uma relação desequilibrada:

Exatamente por ser uma relação desequilibrada, o desespero é uma “doença”, ou melhor, é a doença por antonomásia: a doença até a morte; é aquela paradoxal doença de que o “eu” do homem, que é “espírito”, decide adoecer para morrer como relação protagonista das relações. Não consegue desaparecer de sua existência, continua a existir, de forma “miserável”; vive “desesperadamente”, ou seja, de modo não “transparente” o seu ser um “eu”. Esta doença “é até a morte”, em um sentido que Kierkegaard/Anti-Climacus esclarece contrapondo-o a um morrer que “não é até a morte” (Jo 11,11) (REGINA, 2017, p. 143)

O desespero se é visto como uma “doença até a morte”, é para Kierkegaard uma relação de desequilíbrio do “eu”, um perder da sua própria existência, onde o humano, o ser humano, que para ele é essencialmente espírito, decai em um estado de adoecimento por não conseguir viver a maneira verdadeira da sua própria condição. O indivíduo, neste estado, vai desejar morrer, abandonando a sua existência, mas sem conseguir desaparecer completamente, pois ele continua a existir, mas existe agora num estado de miséria e desesperos.

Portanto o desespero é esta condição paradoxal, em que o “eu” não consegue viver de forma autêntica, negando sua natureza espiritual. “[...] apenas o existente que crê em Cristo sabe o que é o desespero e que esta é a doença até a morte, porque sabe, antes de tudo, que o eu é relação que se relaciona consigo e, relacionando-se consigo, relaciona-se com o Outro que pôs a relação.” (REGINA, 2017, p.152). o desespero não é apenas um estado de vida, mas um estado existencial da angústia contínua, que persiste no indivíduo até encontrar a reconciliação com sua existência espiritual.

Conforme o autor Kierkegaard/Anti-Climacus, expressado no livro de Umberto Regina (2017, p. 153) o livro “o desespero humano”, é uma obra que se volta ao homem que queira atingir a “transparência” do seu “eu”, um caminho que se pode ser lido com aquele que permite a reconciliação espiritual, que para o autor é tornar-se um cristão.

## **2.3. Outros conceitos**

### **2.3.1. Estética**

A estética está vinculada a relação do viver esteticamente que se marca por uma vida sem controle; “O homem é de fato este ente particular na medida em que está à frente de si, na tarefa de si mesmo, perpetuamente interessado por si, voltado para os possíveis, poder ser e, no entanto, só diante de suas opções.” (FARAGO, 2006, p. 75). Busca a diversão instantânea, é atraído pelo imediato, possui vários tipos de comportamentos. Marca sua vida pela ausência de continuidade. Suas decisões são tomadas com base no seu humor. Este homem vive orientado pelos prazeres efêmeros:

Como todos os livros de Kierkegaard, este se ocupa com o estado da nossa existência e com a maneira de se tornar uma pessoa autêntica. Ele identifica três estágios da existência – o estético, o ético e o religioso. Ou isso, ou aquilo está mais preocupado com os dois primeiros, fazendo alusões a um rompimento religioso. O esteta vive pela experiência e pela aparência. Sua vida encontra o seu significado mais alto no drama, na música e no amor sensual. Ou isso, ou aquilo contém as histórias de “A”, o sedutor, e várias figuras líricas como Don Juan. Aqui, a vida estética é tanto atraente como articulada, mas também repleta de tédio, egoísmo e tratamento insensível aos outros. (BACKHOUSE, 2019, p. 212 e 213)

O comportamento do indivíduo que se encontra ao caminho estético se depara sempre governado por acontecimentos ocorrentes na vida diária. Deixa a ideia de buscar o viver corretamente seguindo um “padrão de vida”. Estes que se posicionaram a viver assim, com muita labuta conseguem deixar este caminho, o outro modo da existência: o ético. Foge da verdade, não permitindo que ela seja o fio condutor da sua vida. Suas consequências sempre será a tristeza, pois este vive em busca dos

ensinamentos mundanos. A verdadeira subjetividade é a única capaz de fazer o resgate e conduzir o indivíduo para um modo de vida que está em constante movimento de evolução.

### **2.3.2. Ética**

A ética segundo Kierkegaard é uma visão contrastante do indivíduo esteta, busca realizar um diálogo que causa a distinção entre a vida estética e a vida ética, na segunda parte do livro apresenta o juiz que é “ético”:

A segunda metade do livro é entregue ao juiz, cuja longa prosa, intencionalmente, deve lembrar ao leitor uma palestra exaustiva, apesar de conter muita sabedoria. O juiz é um homem “ético”, o que significa que ele escolheu uma vida de responsabilidade pelos outros. O juiz também é mais feliz do que “A”, uma vez que suas escolhas são mais significativas e, portanto, mais importantes para ele. A pessoa ética está envolvida com outras pessoas, enquanto o esteta está confinado principalmente à sua própria imaginação. Além disso, o esteta passa de uma experiência temporária à outro, enquanto o homem ético vive de acordo com princípios eternos. Dessa forma, torna-se uma pessoa autêntica é visto acontecer apenas quando o indivíduo escolhe viver de acordo com um dever que é externo a si mesmo, e não conforme algum capricho de autossatisfação ou invenção humana. O Juiz William também é um personagem fictício. (BACKHOUSE, 2019, p. 213)

O juiz mostra ser um homem ético que escolheu em sua vida viver orientado por responsabilidade com relação aos outros, mostrando a contradição do indivíduo esteta que escolheu viver os prazeres tendo em vista a realização pessoal. A vida ética é, segundo o filósofo dinamarquês, em seu personagem juiz, se é feliz e pode ser mais feliz, quando se vive com as escolhas éticas, que mostra importância e propósito, pois está diretamente envolvido com as outras pessoas e vive de acordo com princípios eternos, sem se limitar a satisfação mundanas momentâneas e próprias realizações, como o esteta vive, preso na experiência temporais e superficiais.

### **2.3.3. Religião**

Para Kierkegaard as duas existências, ético e estético, não são as duas vias a se seguir; “O isso ou aquilo do título não é a escolha da existência estética ou da

existência ética, respectivamente.” (BACKHOUSE, 2019, p. 213). Mas esta dimensão se divide entre o ponto estético ou ético de um lado e do outro o religioso:

É uma escolha entre o estético e o ético de um lado, e o religioso de outro. “Perante Deus, estamos sempre no erro”, é um lembrete de que todos os estágios da vida dependem da adesão aos sistemas e invenções humanas. O juiz ético pode estar usando a linguagem da “eternidade”, porém, na realidade, ele está se conformando com os hábitos morais relativos à sua cultura, não menos do que o esteta que vive apenas pela sensação. Os dois estágios são necessários para uma vida autêntica, mas precisam ser trazidos para um terceiro. Ou isso, ou aquilo é também um comentário sobre Hegel, que propôs, como todos sabem, que toda oposição e condição é uma ilusão. Para Hegel, uma tese cria sua antítese, que, por sua vez, torna-se uma síntese. Essa própria síntese produz uma antítese, e assim por diante. A história do mundo é a história da Grande Ideia (Deus) se desdobrando dessa maneira. Significativamente, é na cultura mais desenvolvida da humanidade que Hegel acha que a Mente de Deus se expressa melhor. Em vez de ver Deus ou o homem, Hegel vê os dois. É a ideia de que as nações e civilizações humanas podem gerar a Verdade eterna que Kierkegaard começa a enfraquecer em Ou isso, ou aquilo. (BACKHOUSE, 2019, p. 213 e 214)

O argumento que se utiliza para esta ideia dos estágios da vida, está em que o estético e tanto quanto o ético são necessários para uma vida mais autêntica, mas não são o suficiente, então se tem necessidade de uma transcendência, este transcender seria para um estágio religioso. O humano encontra-se num estágio de limitação onde o autor destaca a presença constante do erro diante de Deus, e isso demonstra a falibilidade humana, nos sugere que a verdadeira autenticidade encontra no relacionamento com Deus.

### 3. A ANGÚSTIA

#### 3.1 Perspectiva de Kierkegaard sobre o conceito de angústia

Søren começa desenvolver seu pensamento sobre a angústia com a compreensão do entendimento do ser, do existente, da existência. A abertura do pensamento Kierkegaardiano sobre a necessidade de se arrancar a animalidade a partir da compreensão da liberdade:

O axioma da antropologia Kierkegaardiana é simples: ainda que todo homem se desenvolva com liberdade, não se cria a si mesmo a partir de nada: ele se recebe sob a forma de uma condição específica na qual está inscrita a necessidade de se arrancar da animalidade, dando-lhe como tarefa a realizar sua pessoa concreta. Dado a si mesmo sob a forma da imediaticidade, lançado no mundo sob a forma biológica do corpo e de sua reverberação psíquica (a alma), deve ele chegar ao espírito, à faculdade de síntese reflexiva. Em O conceito de angústia Kierkegaard mostra, com efeito, que o homem é uma síntese de alma e de corpo, e que esta síntese é inconcebível se os dois elementos não se unirem em um terceiro, que é o espírito, definição que ele usa de novo em A doença mortal. Mas, para compreender a dinâmica e a lógica deste pensamento, deve-se conjuntamente partir da definição da existência como cisão entre “opostos”, posta preliminarmente à tarefa de efetuar sua síntese. Relação dissimétrica entre dois elementos incomensuráveis, a existência não nos é dada a não ser em uma tensão insuperável. (FARAGO, 2006, p.76 e 77)

O axioma de Kierkegaard nos leva a ter a compreensão de que o ser-humano, é impossibilitado de realizar a autocriação e então encontra no estado de se condicionar a um outrem que doa a nós, e nós recebemos, com condição, a realização de romper animalidade e encontrar a pessoa concreta. Deve vir de forma imediata, entregue na forma corpórea biológica, junto a reverberação da alma (psíquico), um encontro com espírito, a realização da faculdade de reflexão. Neste momento Aabye vai desenvolver um processo dialético hegeliano de tese e antítese, gerando uma síntese, correspondendo as informações de que o ser é alma e corpo, e junto com o terceiro elemento, espírito, nos leva a uma síntese.

Esta síntese que torna o homem, alma e corpo, é impensável se não agregar a um terceiro elemento que se é o espírito, mas esta dinâmica só se pode ser pensada na cisão dos “opostos”, assim sendo possível receber a existência quando se tem a tensão realizada nos dois objetos incomensurável.

### 3.1.2. Pressuposto do pecado hereditário

para começar a elucidar o pensamento do filósofo dinamarquês, é preciso partir do tema primeiro que ele trata em seu livro “O conceito de angústia” que é o pecado hereditário. Aqui se começa a realizar a explicação do que foi o pecado de Adão e o que é este pecado hereditário, que simultaneamente é associado a Adão em sua trajetória:

O conceito de pecado hereditário é de tal modo diferente do conceito de primeiro pecado, que o indivíduo participa daquele apenas pela sua relação com Adão e não pela sua relação primitiva com o pecado? Neste caso, mais uma vez, de modo fantástico Adão é posto para fora da história. O pecado de Adão é uma coisa mais que passada (*plus quam perfectum*). (KIERKEGAARD, 2020, p. 28)

Adão não se encontra como conseqüente do pecado hereditário, mas sim o indivíduo que se responsabiliza como autor da abertura do pecado hereditário, então neste caso pelo seu pecado, o pecado entrou no mundo. O pecado hereditário “[...] é o presente, é a pecaminosidade, e Adão o único em quem esta não teria ocorrido, pois veio a ser por meio dele.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 28). Então para se explicar o pecado hereditário é necessário explicar o pecado de Adão, pois nele se carrega a compreensão do gênero humano, de forma que a humanidade participa do inteiro do indivíduo de Adão. O indivíduo não seria ele mesmo? Neste caso o indivíduo entra na participação da história, que se relaciona com a história do gênero humano, “nenhum indivíduo é indiferente à história do gênero humano, e nem esta é indiferente à história do indivíduo.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 31). Adão está envolto nesta história sendo considerado como o primeiro homem, sendo assim segundo Kierkegaard, no pseudônimo de Virginius, no livro “O conceito de angústia” (2020) diz que sendo o primeiro homem é ao mesmo tempo o gênero humano, não se é diferente do gênero humano pois assim a humanidade não existiria, mas é ao mesmo tempo, ele mesmo (indivíduo) e o gênero humano. “Por isso, aquilo que explica Adão, explica o gênero humano, e vice-versa.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 32)

### 3.1.3. O primeiro pecado

O que poderia dizer sobre o primeiro pecado? Este pecado se associa ao pecado hereditário? O pecado de Adão toma qual responsabilidade na história do gênero humano? Para isso “conforme conceitos tradicionais, a diferença entre o primeiro pecado de Adão e o primeiro pecado de qualquer homem é esta: o pecado de Adão condiciona a pecaminosidade como consequência, o outro primeiro pecado pressupõem a pecaminosidade como condição.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 32)

O primeiro pecado é visto como sendo o pecado, o responsável de ser a porta da pecaminosidade. Mas sua entronização prevalente se fixa enquanto há pelo mundo o primeiro pecado de qualquer um:

Com o primeiro pecado de Adão, o pecado entrou no mundo. Esta afirmação, que é a comum, contém, entretenimento, uma reflexão totalmente exterior que por certo contribuiu muito para o surgimento dos equívocos que pairam por aí. Que o pecado entrou no mundo é bem verdade; mas não é deste modo que isso concerne a Adão. Expresso de maneira bem estrita e correta, há que dizer que, com o primeiro pecado, a pecaminosidade penetrou em Adão. De nenhum outro homem posterior nos ocorrerá dizer que, por seu primeiro pecado, a pecaminosidade tenha entrado no mundo, e, contudo, ela entra no mundo através dele de modo semelhante (quer dizer, de um modo que não é essencialmente diferente); pois, expresso de modo estrito e correto, a pecaminosidade só está no mundo na medida em que é introduzido pelo pecado. (KIERKEGAARD, 2020, p. 35)

Kierkegaard vai trabalhar aqui neste momento o erro de cada indivíduo. Para ele a pecaminosidade dentro do mundo não fica restrito apenas no ato do primeiro pecado do primeiro homem, mas se estende para todos do gênero humano a responsabilidade da pecaminosidade, pois o ato de pecar de cada homem faz a permanência da pecaminosidade. Sendo assim, a pecaminosidade não se torna uma existência isolada, mas uma consequência daquele que se deixa cair no ato de pecar. No decorrer da história vamos nos deparar com a situação de que nenhum indivíduo vai ser sua própria história, mas “ao longo da história da humanidade prossegue tranquilamente em seu caminho, ao longo do qual nenhum indivíduo começa no mesmo ponto em que o outro começou, enquanto o que cada indivíduo começa do começo e, no mesmo instante, [...]” (KIERKEGAARD, 2020, p. 37)

### 3.1.4. Inocência

Após ir minuciando sobre o pecado primeiro, o hereditário e a culpa de Adão, Kierkegaard vai traçar a inocência como um lugar de âmbito ético que se é preciso ser estudado. Para entender o processo de inocência o filósofo vai apresentar de início uma forma de como superar a inocência, argumentando “ora, é antiético dizer que a inocência deva ser superada, pois ainda que fosse no instante em que viesse a ser mencionada, a ética não permite esquecer que a inocência não pode ser anulada senão pela culpa.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 38). Seguindo essa linha de raciocínio podemos nos voltar a figura de Adão que se torna tão emblemática nos textos do dinamarquês, Adão “[...] perde sua inocência pela culpa, assim a perde todo e qualquer homem.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 38). Não se pode pensar em perder a inocência senão de modo pela culpa, e isso vai se estender na figura da humanidade, que se põem equacionado neste acontecimento:

Quanto à inocência dos homens posteriores a Adão (isto é, de todos, exceto Adão e Eva), tinha-se uma noção um pouco mais modesta. O rigorismo ético negligenciava o limite da ética e era bastante honesto para crer que os humanos não aproveitariam a ocasião para escapulir-se do todo, logo que os subterfúgios se tornassem tão fáceis; a frivolidade não se dava conta de nada. Mas é só pela culpa que se perde a inocência; cada homem perde a inocência essencialmente da mesma maneira que Adão o fez, e não interessa à ética fazer de todos os homens, exceto Adão, espectadores da culpabilidade, aflitos e interessados – mas não culpados; nem interessa à Dogmática fazer de todos eles espectadores interessados e simpatizantes da redenção – mas não redimidos.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 39)

Neste momento Kierkegaard vai contra a ideia da não participação do homem no processo de culpa, e que isso fica só reservado a Adão e Eva, para ele não podemos passar como meros telespectadores, desta maneira só neste processo de culpa que se tem a perda e isso está vinculado a todos sem ter nenhuma exceção.

A inocência é por certo algo que não se pode ser anulado simplesmente, mas anulado por uma “[...] transcendência, justamente porque ela é algo, [...], e, é por isso, quando a inocência é anulada por uma transcendência, surge daí algo de completamente diferente, enquanto a mediatidade é precisamente a imediatidade.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 40). Para isso a assume o papel de qualidade, pois pode ser um estado que, dependendo do processo de cada indivíduo, pode ser algo duradouro. Segundo Kierkegaard, em sua obra *O conceito de angústia* (2020), a

inocência não pode ser perfeição, pois não se pode ter o anseio de ter ela novamente, pois desejá-la é cair no pecado dos desejos, não se pode ser imperfeita, pois diz respeito a não ser possível permanecer com inocência. Por fim a inocência é em si mesma, e aquele que a perde, a perde por meio da culpa.

### 3.1.5. A queda

Continuando sobre a pecaminosidade, o pecado, o primeiro pecado, Adão, o gênero humano e a inocência, são preciso neste momento, adentrar o aspecto da queda. Esta parte volta novamente a Adão e seu pecado, que dê certo foi a realização da “proibição de não comer da árvore da ciência o que fez nascer o pecado de Adão.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 42). A condição que se encontrava Adão o fez levar a realização do erro, e o condicionou ainda a queda, isto traça para Kierkegaard o despertar da concupiscência:

Uma *concupiscentia* é uma determinação de culpa e de pecado, ou seja, é posta por este, que, no entanto, não é nem culpa nem pecado, ou seja, é posto por este. Enerva-se o salto qualitativo, a queda torna-se algo sucessivo. Não se entende, absolutamente, como é que a proibição desperta a *concupiscentia*, embora seja certo, tanto na experiência pagã quanto na cristã, que a atração do homem é pelo proibido. (KIERKEGAARD, 2020, p. 44)

O homem identificado com os desejos desordenados (a concupiscência) vê que isso é causado pelo pecado e a culpa. Este estado surge imediatamente derivado a causa do pecado e segue na vida da pessoa como uma determinação do desejo. A queda aqui neste momento e visto como sendo um salto neste estado, não se é como algo gradual e consecutivo, mas uma mudança instantânea e radical na condição do indivíduo.

### 3.1.6. O conceito de angústia até aqui

Neste momento a filosofia kierkegardiana nos possibilita trabalhar as primeiras impressões sobre a angústia, depois de traçar um caminho sobre pecado, culpa e inocência. A perda da inocência nos leva ao conhecimento do bem e do mal, e um estado de repouso que se leva a um algo diferente de discórdia, mas sim a um estado

de nada, “Mas nada, que efeito tem? Faz nascer a angústia. Este é o segredo profundo da inocência, que ela ao mesmo tempo é angústia.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 45).

Agora que a inocência faz o caminho da angústia, faz dela uma qualificação do espírito, “A realidade efetiva do espírito se apresenta sempre como uma figura que tenta sua possibilidade, mas se evade logo que se queira captá-la, e é um nada que só pode angustiar.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 45). A natureza angustiante do espírito expressa na realidade aparece primeiro como uma possibilidade com intuito de se concretizar, e quanto mais se tenta compreender esta realidade mais nos deparamos com um nada e este nada gera em nós a angústia. este é a condição entre viver a humanidade possível e a real, que dê certo se depara com o nada ou uma indefinição de sua própria existência.

Nossa determinação realizada no espírito nos distancia, ou melhor nos diferencia dos animais, pois na condição da angústia nos traz a possibilidade de nos antecipar ou pensar no antecipar, como um senso de liberdade; “[...] enquanto que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 45)

Podemos determinar alguns aspectos da angústia, já que ela posta na inocência, se diferencia da culpa e se desvincula como fardo pesado, como o autor no livro conceito de angústia (2020) vai nos falar sobre as crianças, que a angústia vai se expressar de forma mais determinada como senso de aventureiro, do enfrentar o monstruoso, do enigmático, é associada a um aspecto melancólico pois ainda não se defrontou com a liberdade. Após este defronte a um aspecto casual dialético entre angústia e nada, como foi inocência para culpa:

Junto com a pecaminosidade foi posta a sexualidade. No mesmo instante começa a história do gênero humano. Ora, como a pecaminosidade no gênero humano move-se em determinações quantitativas, assim também o faz a angústia. a consequência do pecado hereditário ou a sua presença no indivíduo é angústia, que só quantitativamente se diferencia da de Adão. No estado de inocência – e deve ser possível, afinal, falar de um tal estado no homem que vem depois – o pecado hereditário deve ser a ambiguidade dialética da qual surge a culpa no salto qualitativo. Em contrapartida, a angústia será mais refletida num indivíduo posterior do que em Adão, porque o aumento quantitativo acumulado pelo gênero humano faz-se valer no indivíduo posterior. Sem embargo, a angústia não é, nem neste caso nem em outro qualquer, uma imperfeição do homem, e pode-se dizer, ao contrário, que quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será sua angústia, porque ao entrar na história do gênero humano ele precisa apropriar-se do pressuposto da pecaminosidade, que sua vida individual

supõe. A pecaminosidade obteve assim, em certo sentido, um poder maior, e o pecado hereditário vai crescendo. Que haja homens que não sentem nenhuma angústia, dá para entender, assim como Adão não teria sentido angústia se tivesse sido apenas animal. (KIERKEGAARD, 2020, p. 57)

Com a pecaminosidade no mundo, aberta por Adão na queda, com o primeiro pecado, se origina a sexualidade, e se pode afirmar que neste ponto se origina a história da humanidade. A angústia é uma consequência direta deste pecado original, e como o pecado e a pecaminosidade, ela se apresenta de maneira quantitativa nos indivíduos. Qualitativamente a angústia é a mesma para Adão e os posteriores, mas se é refletida mais profundamente nos indivíduos posteriores, pois carregam o histórico da pecaminosidade da história da humanidade. A culpa fica registrada como um salto qualitativo que vai marcar a perda da inocência. como característica da existência humana a angústia faz parte do ser humano, ser espiritual, que consciente de sua liberdade e estando na condição de pecador, faz nos apropriar do existir.

### **3.2. Duas maneiras da angústia**

Podemos catalogar dois significados a angústia, uma que o indivíduo coloca o pecado num salto qualitativo, e a angústia que vem com o pecado e sendo assim visa uma determinação quantitativa.

#### **3.2.1. Objetiva**

Para definir melhor a angústia podemos partir do conceito da angústia como objetiva, que tem sua consideração no estado do mundo do indivíduo como inocente e posterior a isso. Podemos ver a angústia objetiva com aspectos desenvolvidos a partir da concepção da pecaminosidade como um meio de reflexo.

Seguindo a ideia da pecaminosidade, voltamos reverente a questão do pecado de Adão que, por meio dele, “[...] a criação afundou na perdição, de que maneira a liberdade, por ter sido posta pelo abuso que se faz dela, lançou um reflexo da possibilidade e um tremor de cumplicidade sobre a criatura, em que sentido isto tinha de suceder [...]” (KIERKEGAARD, 2020, p. 63).

Essa angústia na criação pode chamar-se com razão de angústia objetiva. Ela não produzida pela criação, mas se produziu pela projeção sobre ela de uma luz inteiramente diferente, pelo fato de que pelo pecado de Adão a sensualidade foi rebaixada a pecaminosidade e, na medida em que o pecado continua a entrar no mundo, continuamente é degredada para significar pecaminosidade. Vê-se facilmente que essa concepção mantém abertos os seus olhos, também no sentido em que rejeita a interpretação racionalista de que a sensualidade como tal é pecaminosidade. Desde que o pecado veio ao mundo e a cada vez que vem a ele, a sensualidade se torna pecaminosidade, mas aquilo que se torna não o era anteriormente. Franz Baader protestou com bastante frequência contra a afirmação de que a finitude, a sensualidade como tal, seria pecaminosidade. Mas, a menos que se ande com cuidado neste terreno, incorre-se, por um lado bem diferente, no pelagianismo. Fr. Baader, com efeito, em sua determinação não levou em conta a história do gênero humano. Na progressão quantitativa do gênero humano (portanto, de modo inessencial), a sensualidade é pecaminosidade; mas não o é na relação com o indivíduo, enquanto este não fizer de novo da sensualidade a pecaminosidade, pondo ele mesmo o pecado. (KIERKEGAARD, 2020, p. 64)

Sendo assim a angústia objetiva findara sua ideia como uma forma de ser na natureza do homem. E por este fato, o pecado de Adão, temos um devir novo sobre a sensualidade, que se ponderou na medida que o pecado vem adentrando no indivíduo. O pecado do homem torna o contraste destas coisas ainda mais acentuadas do que já era.

### 3.2.2. Subjetiva

Agora nos falta ver o a angústia subjetiva que de início podemos associar ela ao indivíduo, ou melhor podemos pensar esta como “No sentido mais estrito, a angústia subjetiva é a angústia posta no indivíduo, que é a consequência do seu pecado.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 61).

O indivíduo torna-se o conseqüente que responde a angústia subjetiva como um comparar a uma vertigem “Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 66). Aqui se tem a vertigem da liberdade que se desfalece no processo. Vive um processo de uma relação de ambigüidade “[...]; mas ao mesmo tempo a angústia é a coisa mais egoísta que há, e nenhuma expressão concreta da liberdade é tão egoísta como a possibilidade de qualquer concreção. [...]” (KIERKEGAARD, 2020, p. 66).

O indivíduo é posto como culpado devido o uso do objeto da angústia, que é o nada. E aqui o nada não é posto como um conceito de algo vazio “[...], mas um nada que se comunica de maneira viva com a insciência da inocência. [...]”

(KIERKEGAARD, 2020, p. 67). O indivíduo assim recebe a denominação como culpado, onde o impele além de si, pois segundo o autor Kierkegaard (2020) este pecado pressupõe ao indivíduo e a si mesmo.

### **3.3. Angústia e seu consequente, o pecado**

Até o momento tratamos os diversos aspectos do autor sobre a formação do conceito de angústia, e podemos ver que ele desenvolveu a figura do homem numa característica sintetizada de alma e corpo, sustentada pelo espírito. A angústia está até o momento na forma de pensar do autor “[...] aponta para o que vem a seguir, o instante na vida individual.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 87)

A angústia gerada na ausência da consciência é uma fomentação no indivíduo que, não reconhecendo sua falta, e estando no estado de pecaminosidade é esta desta maneira desvinculado com o transcendente, com Deus, o homem pode cair no desespero. Aqui a pessoa afugenta da reconciliação, pois não consegue encontrar razão para tal atitude. Permite que o momento presente se torne preenchido pela pecaminosidade, “no instante que o pecado é posto, a temporalidade passa a ser pecaminosidade. [...]” (KIERKEGAARD, 2020, p. 98), e estando diante a esta realidade o homem confronta o finito com o infinito, mas sem sua percepção da sua natureza, ele devera decair ainda mais em seu desespero.

[...] Não dizemos que a temporalidade passa a ser pecaminosidade, tampouco como a sensualidade também não o é; mas, quando o pecado é posto, a temporalidade significa pecaminosidade. Por isso, peca todo aquele que vive apenas no instante como abstração do eterno. Se Adão não tivesse pecado, falo assim só para argumentar, e, incorretamente, ele teria passado no mesmo instante para a eternidade. Contudo, uma vez que o pecado foi instituído, nada adianta querer abstrair da temporalidade, e tampouco da sensualidade. (KIERKEGAARD, 2020, p. 98)

Vejamos bem que o pecado se condiciona na temporalidade e estando presente no instante, a figura do transcendente se torna distante, e o consciente do erro fica cada vez mais impossível de conhecer, assim acarretando num envolvimento de ruptura com a verdade. A necessidade do conhecimento da culpa, a consciência do pecado, pode levar um caminho de reaproximação, e ocasionar que mais para frente vamos tratar, um “salto de fé”.

### 3.3.1. A falta do espírito

Agora podemos examinar a perspectiva de que tudo o que foi trabalhado no tópico anterior se residira na figura da angústia com a ausência de espírito, pois “[...] Ao contrário, a perdição da falta de espírito mostra-se como a mais terrível de todas, pois a desgraça é justamente esta: que a falta do espírito possui uma relação com o espírito, a qual nada é. [...]” (KIERKEGAARD, 2020, p. 100).

No momento a falta de espírito é então associada ao paganismo pois “[...] O paganismo é, pois, pode-se dizer, ausência do espírito, e como tal muito diferente da insipidez espiritual.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 101). A visão kierkegaardiana nos mostra que esta associação evidencia a perdição, que se pode aferir como uma condição de desgraça pois esta falta é posta numa visão trágica, ocorrente de uma relação de vazio que não haja “Ainda que na a-espiritualidade não haja nenhuma angústia, porque está excluída, tal como está o espírito, a angústia não deixa de esta aí, apenas latente.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 101), isso sendo como um limitador da verdadeira realização do potencial humano espiritual. Sua associação ao paganismo faz direto desenvolvimento com a qualidade de ambos trazer a falta da espiritualidade, demonstrando a não presença.

### 3.3.2. No sentido do destino, angústia dialeticamente

A angústia foi até o momento, desenvolvida como um meio de objeto que responde a configuração do pecado, a condição humana de existência, mas podemos querer também associar a ela com o nada que se pode ter em falta da espiritualidade. Mas ambos devem ser corresponder num sentido mais conjunto e ao olhar para o nada da angústia podemos dizer que encontraríamos resposta na relação com o destino:

Destino é uma relação com o espírito, como relação exterior; ele é uma relação entre espírito e uma outra coisa que não é espírito, porém com a qual, mesmo assim, o espírito deve permanecer numa relação espiritual. Destino pode significar coisas exatamente opostas, dado que ele é unidade de necessidade e contingência. Isso nem sempre tem sido levado em consideração. Tem-se falado sobre o *fatum* pagão (que, por sua vez, é caracterizado diferente na concepção oriental ou na dos gregos) como se fosse a necessidade. Um resíduo dessa necessidade acabou ficando na

visão cristã, onde passou a significar o destino, isto é o casual, aquilo que é incomensurável no tocante à providência. Contudo, as coisas não se passam assim, pois destino é justamente unidade de necessidade e causalidade. Isso se exprime de modo engenhoso quando se diz que o destino é cego, pois quem avança cegamente, tanto anda necessariamente como casualmente. Uma necessidade que não tem consciência de si mesma é *eo ipso*, “por essa mesma razão” casual com relação ao momento seguinte. O destino é então o nada da angústia. ele é nada, pois, uma vez posto o espírito, a angústia é abolida, mas igualmente o destino, porque justamente assim fica posta também a providência. Do destino pode-se então dizer o que São Paulo diz dos ídolos: não há nenhum ídolo no mundo, e, contudo, o ídolo é o objeto da religiosidade dos pagãos. (KIERKEGAARD, 2020, p. 102)

Kierkegaard vai realizar uma comparação com a relação do espírito e do destino, explorando então a relação do exterior do espírito com as coisas que não é espiritual, gerando então essa relação de contingente e necessidade. A realidade ambígua que se forma carrega aspectos do necessário com as coisas casual e incerto. A necessidade absoluta que se é mostrado na concepção vindo do paganismo, estaria equivocada. E a necessidade cega seria, pois, a necessidade sem autoconhecimento agindo ao acaso. Com isso o espírito desenvolvido com a providência divina transforma o destino, ele consegue ganhar o caráter de “nada da angústia”, pois o espírito sobressai a angústia e o destino fazendo a perda de seus sentidos, e substituídos pela providência, chegam a ordenar a consciência da existência. Sua comparação com São Paulo vai nos trazer a ideia de que como os ídolos, que não são reais, o destino também não é, mas quando se a ausência do espírito, como aqueles objetos pagãos, o destino torna-se objeto das angústias e incertezas no homem.

### **3.3.3. No sentido de culpa**

A culpa neste momento não é diretamente o pecado, mas aqui ela ganha proporção de um outro objeto da angústia, pois vai aferir no indivíduo uma dualidade, “[...] A ambiguidade está na relação, pois, assim que a culpa é posta, a angústia passa, e vem o arrependimento.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 109), fica parecer uma relação de simpatia e antipatia. Criasse uma simpatia na liberdade, mas uma antipatia na culpa. Como seu opositor, a culpa é posta como uma projeção da máxima da liberdade:

A relação da liberdade para com a culpa é angústia, porque a liberdade e a culpa ainda são possibilidades. Mas, à medida que a liberdade fixa seu olhar sobre si mesma com toda a sua paixão, e quer manter a culpa afastada de si, de modo que não reste dela nem uma penugem na liberdade, não consegue evitar cravar o olhar a culpa, e essa fixação é a fixação ambígua da angústia, tal como até mesmo a renúncia no interior da possibilidade é um desejo (KIERKEGAARD, 2020, p. 114)

Quanto mais se tenta a anulação de um quanto outro, depara-se com a situação de ter com maior presença o conseqüente que se tentou anular. Por mais que liberdade tente se afastar da culpa, ela se depara com um olhar fixo, e com isso desenvolve um processo de dialética, “Pois a culpa tem a característica dialética de não se deixar transferir; mas aquele que se torna culpado torna-se também culpado por aquilo que ocasionou a culpa, [...]” (KIERKEGAARD, 2020, p. 115). Aqui podemos vincular toda a situação de culpa como a situação do homem com o destino que fica desvinculado do divino e assim deixando a incerteza e da consciência do pecado que sucumbira o indivíduo.

### **3.4. Angústia, pecado, consequência e o mal**

Até o momento a angústia foi descrita num olhar diante o pecado, e com isto nos deparamos com a possibilidade da angústia no sentimento de culpa e na liberdade. Mas para conseguinte a angústia vai estar diretamente envolvida com o pecado ou a consequência do pecado no indivíduo, e com isso temos o “salto qualitativo” (KIERKEGAARD, 2020, p. 117) que mostra a anulação da possibilidade, e vai adentrar ao estudo relacionado com o objeto da angústia a diferença entre o bem e mal; “Quando o pecado é posto no indivíduo, pelo salto qualitativo, aí se coloca a diferença entre o bem e mal.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 118)

#### **3.4.1. Diante do mal**

A angústia diante do mal vai consistir em uma tentativa de anular a consequência do pecado; uma negação da pecaminosidade, uma fuga da culpa, deixando a margem há uma possibilidade de erro, “Um tal arrependimento tem uma contrição que é muito mais poderosa na expressão e na dialética da paixão do que o

arrependimento verdadeiro [...]” (KIERKEGAARD, 2020, p. 122). Isso é uma tentativa de ocasionar um desarmar de outros sobre sua condição. Uma amostra de influência e persuasão do indivíduo consigo mesmo.

O indivíduo tenta se enganar e busca uma tentativa de afugentar sua ira, mais quanto mais ele tenta anular, esconder ou esquecer este erro mais ele se encontra numa situação de arrependimento, “O indivíduo pode arrepender-se de sua ira e, quanto mais profundo é o indivíduo, mais profundo o arrependimento.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 122). Mas este arrependimento não quer dizer que o indivíduo se encontra livre, ou liberto, mas segundo o autor, “mas o arrependimento não consegue libertá-lo; aí é que ele se engana” (KIERKEGAARD, 2020, p. 122). Tentar se justificar ou negar o pecado, vai trazer a consequência de um ciclo de pecado.

### **3.4.2. Diante do bem**

O ponto de vista para falar da angústia diante do bem é o termo demoníaco, pois é tratado como uma não liberdade, e aqui podemos ver a associação que o autor vai realizar com as passagens bíblicas para exemplificar a questão da não liberdade como uma união da liberdade com a ação do corpo que entram em confronto consigo mesma:

Por isso, o demoníaco só aparece bem nitidamente quando entra em contato com o bem que, então, vindo de fora, chega até o seu limite. Por essa razão, é digno de nota que no NT o demoníaco só chega a se mostrar quando Cristo entra em contato com ele e, quer os demônios sejam legião (Mt 8,28-34; Mc 5,1-20; Lc 8,26-39), quer o demônio seja mudo (Lc 11,14), o fenômeno é o mesmo: é angústia diante do bem, pois a angústia pode expressar-se tanto no emudecer quanto no grito. O bem significa naturalmente reintegração da liberdade, redenção, salvação ou como quer que se chame. (KIERKEGAARD, 2020, p. 125)

Por esta razão esta angústia vai ser retratada como demoníaco. A liberdade não aparece clara como liberdade e sendo assim surge como no indivíduo como uma situação de angústia. no demoníaco “[...] a relação está invertida. A liberdade está posta como não liberdade; pois a liberdade está perdida.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 129). Sua possibilidade torna novamente angústia.

## 4. MORTE, ANGÚSTIA, DESESPERO E FÉ

### 4.1. Síntese da angústia

Quando pensamos no tema abordado por Søren, e de certa complexidade, com um grau de dificuldade na compreensão, é preciso traçar vários caminhos, que a princípio podem não parecer conectados, mas com o decorrer da apresentação do tema, e de seus subtemas, vai ficando mais visível o ponto que Kierkegaard quer chegar. Notório que seu trabalho com “O conceito de angústia” foi um princípio norteador a outras temáticas de sua filosofia, abrindo margem a outras obras e conceitos.

Para alcançar a ideia de que a angústia é algo necessário e que está presente na existência do ser, e principalmente presente na vida do autor, quando a publicou, o filósofo vai tomar como ponto de partida a percepção da “à liberdade, ao pecado original, à culpa hereditária e ao sentimento dominante de angústia, o qual Haufniensis acha que afeta pessoas de todos os lugares.” (BACKHOUSE, 2019, p. 223). Ele vai tracejar como forma de uma obra didática, que instruirá o leitor a interpretar estes assuntos pessoais.

O autor vai utilizar de pseudônimo, mas não se é preciso ver esta obra como uma autobiografia, “Ao contrário desses livros, e como o próprio título indica, *Angústia* é uma leitura séria e complicada. A vida interior e ansiosa de Søren informa claramente o trabalho, que, no entanto, não é uma simples autobiografia.” (BACKHOUSE, 2019, p. 222). E esta maneira de conduzir sua obra mostra a forma que como a angústia se expressa na liberdade, pois mostra que o homem é livre, e nesta liberdade que o põem em angústia.

Olhar para a palavra angústia, vai trazer uma percepção de uma palavra negativa, com pesar depreciativo, “Para termos uma ideia, a angústia pode ser tão difícil de entender quanto tem sido significativa na história do pensamento ocidental.” (BACKHOUSE, 2019, p. 223). Muitos traçam a palavra como sentido pavoroso, e outros podem tratar como uma forma sinônimo de ansiedade. Não podemos ter a angústia como medo, pavor, terror etc. ou melhor como diz o autor Stephen

Backhouse no seu livro “Kierkegaard: uma vida extraordinária”, tê-la como então um medo da realidade, do que se é real. Isto é uma sensação como diz o autor, comentador e pesquisador de Kierkegaard, sobre aquilo que é as possibilidades, desconhecidas, indefinidas, da vida como um todo.

O autor vai defender a ideia de que este conceito é referente quando temos ausência do eterno, ou quando estamos sendo implicado no Deus eterno, que ocasiona o desconforto humano e nos torna autênticos.

Para Haufniensis, especificamente, é o desconforto que seres humanos enfrentam quando impelidos pelo Deus Eterno a se tornarem uma Pessoa Autêntica. Essa possibilidade é atraente e repulsiva ao mesmo tempo. *Atraente*, porque o verdadeiro lar para cada novo eu. *Repulsiva*, porque essa relação com Deus também requer a morte do antigo eu. O pecado é o que acontece quando a pessoa, com medo, se afasta da possibilidade de relação com o Eterno. Alguns pontos que seguem a partir daí são dignos de nota. Em primeiro lugar, o medo vem da angústia, mas não é sinônimo desta. Em segundo lugar, o “pecado” é visto como a propensão para o medo de se desviar de Deus (e a conseqüente autotraição<sup>0</sup>, que todos os seres humanos compartilham. (BACKHOUSE, 2019, p. 223)

Isto nos é a amostra da relação que o autor tenta buscar entre a liberdade, o pecado, a culpa, o bem e o mal, estão diretamente envolvidas ao conceito de angústia. Este processo que é mostrado, é revelado o desconforto interno do ser humano, pois o homem é chamado por este Deus Eterno, a se tornarem esta pessoa autêntica. Isto traz o processo de ser algo atraente e repulsivo, pois quanto se faz o retorno no verdadeiro Deus (na pessoa autêntica) vai também trazer a característica de necessidade de levar a morte o eu antigo.

Para finalizar esta síntese da angústia, podemos agora concluir com um simples entendimento do fato de que o indivíduo, “[...] experimenta angústia diante da liberdade carregada com o peso esmagador que é sua tarefa autêntica, a de ser humano, a saber, sintetizar os termos heterogêneos do seu ser próprio, síntese que não pode jamais ser bem-sucedida a ponto de se fazer desvanecer a angústia, [...]” (FARAGO, 2006, p. 95). Com isso podemos entender este conceito associado intimamente a liberdade, e estando tão próximas e referidas, não se pode pensar liberdade não sendo como o espírito do indivíduo e angústia como algo necessário neste composto e até aqui vamos ver que:

Deste modo, se é verdade que somos dados a nós mesmo, esta verdade é, no entanto, paradoxal, pois depende de nós que isso nos ocorra. Não nos é

dados a existência como produto acabado. Contentar-nos com esperar o nosso acabamento na passividade seria atitude insensata, somos os artífices daquilo que nos tornamos. A angústia vem do fato de que Deus deixa o homem livre, à sua imagem, para operar, por seus atos concretos, as escolhas em que se projeta a fim de construir-se, “edificar-se”. Confia-lhe a responsabilidade de criar sua história, o que não abole mesmo assim a dependência ontológica que caracteriza, de per si, a condição de criatura. Eis por que, se podemos advir a nós mesmos, vivemos sempre correndo também o risco de nos perdemos... Com efeito, como o eu verdadeiro do homem é “uma relação posta por derivação que se relaciona consigo mesma”, não pode “relacionando-se consigo mesma” senão “relacionar-se com outra coisa” como com seu fundamento. (FARAGO, 2006, p. 96)

Não podemos conforme mostrado no trecho acima, ser totalmente livres de Deus, do transcendente, somos dependentes Dele, e o caminho com a angústia é a forma de conseguir trilhar um caminho na liberdade, que nos é doado, e que por consequência, cria também este conceito, e permite que o ser humano, faça suas escolhas, mas sem que essas escolhas o distanciem do divino. Devemos trabalhar para conseguir trilhar um caminho de autoconstrução, que vai da reflexão do “eu” que se volta para si, e que tem o norte de envolvimento com o além de si, que é Deus. No processo de edificação devemos estar conduzidos no encontro com o transcendente, mas este processo pode ser conduzido também a um desvio. Por fim para não deixar ser orientado neste perder-se (que é ir em direção ao desespero) é preciso busca sua autenticidade, mantendo o equilíbrio entre a liberdade e a busca do divino.

## **4.2. Angústia ao desespero**

Quando tratamos mais a fundo o conceito de angústia, em alguns momentos ela nos fez referir seu sentido em um conceito outro que agora vamos ver mais atentamente. A angústia é por demais um sentimento necessário e existencial, que está diretamente associado com o indivíduo e conectado para uma relação com o transcendente. Mas quando não conseguimos compreender este conceito e nos permitimos associar-nos no aspecto mais negativos dele, por exemplo reconsiderar o pecado e tentar afugentar a culpa, para com isso poder continuar no erro, pode nos levar a uma situação outra, que podemos nomear de desespero.

A obra sai em julho de 1849, editada por S. Kierkegaard, mas o autor ainda é um pseudônimo, Anti-Climacus, em contraposição ao Climacus de Migalhas filosóficas e pós-escrito, mas em continuidade com os resultados advindos nestas duas obras de grande importância no plano do relacionamento entre

filosofia e fé. Climacus considerava-se, sim, ainda não cristão, mas interessadíssimo no cristianismo a única “ocasião” dada aos seus contemporâneos de sair daquele “distrair-se” da própria existência que os havia tornados novamente pagãos. Kierkegaard/Anti-Climacus, para levar adiante tal intenção pedagógica no sentido filosófico e religioso, proclama-se “cristão extraordinário” elaborada por Climacus, e de outro lado para poder conduzir um tremendo requisitório em relação àqueles que, apesar do evento cristão, ou melhor, de fato desprezando sua ajuda, ainda não compreenderam que todo homem é capaz de cumprir autênticos “atos de amor”. (REGINA, 2016, p. 140 e 141)

Podemos ver neste trecho que o comentador, mostra a forma que o autor inicia o diálogo de seu texto, trazendo a ideia de que o conceito que ele vai abordar, está diretamente conectado ao homem, que este mesmo homem, que podemos chamar também de indivíduo, não se encontra diretamente reconhecido como um cristão, e a princípio é sugestivo, devido a escolha pelo nome de seu pseudônimo, que ele é o reverso do personagem ou indivíduo cristão. Aqui o homem tem que compreender que pode, e é capaz, de, conforme diz o comentador, Umberto Regina, tem a capacidade de assim cumprir de forma e maneira autêntica, atos de amor.

Kierkegaard, vai tracejar a concepção de que este afastamento, ou não reconhecimento sobre o transcendente, é uma doença, ou melhor, estes indivíduos estão doentes:

O ataque que Anti-Climacus agora desfere contra a imanência consiste em declarar doentes de “desespero” todos aqueles que se recusam a acolher o ato de amor que o próprio Deus cumpriu em relação ao homem, criando-o como *relacionamento*, portanto não uma coisa entre as coisas, acidente de uma substância em que tudo conflui, mas sim como espírito:(...) (REGINA, 2016, p. 141)

O homem chega neste estágio, devido a consequência de carregar a angústia como o fator de liberdade, encontrando numa divisão de seu próprio “eu”, “Podem, portanto, surgir duas do formas de desespero próprio.” (FARAGO, 2006, p. 96), marcado por este estágio, o desespero toma caminho de tentar responder uma pergunta, onde o autor comentador Farago, apresenta no seu livro, “Compreender Kierkegaard” (2006), “[...] ‘em que você quer ser você’ e não o consegue? Não ser, não poder ser: eis o desespero.” (p. 96 e 97).

Kierkegaard vai mostrar que o desespero está intimamente vinculado ao pecado, que este por sinal faz que o ser humano fique diretamente fora da vinculação com o divino. O desespero vai conceber a ideia de que o ser humano pode querer não ser ele mesmo, “[...] encontrando-se no estado de desespero, em não querer ser eu

mesmo, ou em querer sê-lo. O pecado é assim a fraqueza ou desafio elevados à potência... [...]" (FARAGO, 2006, p. 97).

Com o conceito já neste estágio de compreensão podemos entender que ele pode demonstrar a queda dos estágios da vida da pessoa, suas virtudes, demonstrando o estado atual real. "Não desesperar é, pois, elevar-se." (KIERKEGAARD, 2010, p. 28). Esta então portanto, ligado a nós, e precisa necessariamente está vinculado a Deus, não poderia se afugentar Dele, e enquanto longe, encontra no estado de desespero.

### 4.3. Desespero e morte

Deparar com o desespero como as fases do eu, eu em relação alheia, e o eu consigo mesmo, nos leva a compreender a existência de que o homem está além das fases perceptíveis e intimamente vinculado ao estado de temporalidade. "O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese. Uma síntese é a relação de dois termos. Sob este ponto de vista, o eu não existo ainda" (KIERKEGAARD, 2010, p. 25)

Uma ideia de que podemos referir ao desespero é de associá-lo a como uma doença mortal ou para a morte. Søren vai tratar o tema da morte não sendo ela causa negativa, mas ação de solução, vai trazer como mal que vai encontrar desfecho na própria morte.

Esta ideia de "doença mortal" deve ser tomada num sentido particular. Ao pé da letra significa um mal cujo termo é a morte, e serve então de sinônimo de uma doença da qual se morre. Mas não é neste sentido que se pode designar assim o desespero; porque, para o cristão, a própria morte é uma passagem para a vida. Desse modo, a nenhum mal físico ele considera "doença mortal". A morte põe termo às doenças, mas só por si não constitui um termo. Mas uma "doença mortal" no sentido estrito quer dizer um mal que termina pela morte, sem que qualquer coisa subsista depois dele. E é isso o desespero." (KIERKEGAARD, 2010, p. 30 e 31)

O "eu" não encontra na morte a configuração de uma doença, mas é neste momento de extremo desespero que o indivíduo se encontra, que leva o ter na concepção da morte um alento, isto é para a concepção da filosofia de Kierkegaard de "doença mortal", o desespero como uma desordem, orientada pela falta, culpa e o pecado, que traz o afastamento do ser do divino.

Para isso o “eu” que se encontra enfermo, busca a morte como um morrer, mas um morrer a morte, e o que seria este morrer a morte? O filósofo dinamarquês, vai falar que este morrer a morte é “[...] mas morrer a morte significa viver a sua morte; e vive-la um só instante, e vive-la eternamente.” (KIERKEGAARD, 2010, p. 31). Nesta ideia que este morrer não é de certo, um morrer eternamente, um desnavir completamente, mas é um transforma no viver constante.

Esta situação define o homem que busca mostrar o motivo de sua alocação no estado de desespero.

O homem que desespera tem um motivo de desespero, é o que se pensa durante um momento, e só um momento; porque logo surge o verdadeiro desespero, o verdadeiro rosto do desespero. Desesperando de uma coisa, o homem desesperava de si, e logo em seguida quer libertar-se do seu eu. Assim, quando o ambicioso que diz “ser César ou nada” não consegue ser César, desespera. Mas isto tem outro sentido, é por não se ter tornado César que ele já não suporta ser ele próprio. No fundo, não é por não se ter tornado César que ele desespera, mas do que que não o deveio. Esse mesmo eu que de outro modo teria feito a sua alegria, alegria contudo não menos desesperada, ei-lo agora mais insuportável do que tudo. Olhando as coisas mais de perto, não é o fato de não se tornou César, ou, antes, o que ele não suporta é não poder libertar-se do seu eu. Tê-lo-ai podido, tornando-se César, mas tal não sucedeu, e o nosso desesperado tem de se sujeitar. (KIERKEGAARD, 2010, p. 32)

Este profundo desespero que está no indivíduo e ele sente e percebe sua situação, está em desacordo com o “eu” de seu próprio ser, que faz o próprio escape de si. Ele vai utilizar de exemplo a figura de César para poder falar que mesmo um objetivo que não foi alcançado, é mais de um fracasso, vai além disso, é a mostra de uma fuga do do “eu”, um não suportar ser em si.

Desta forma o indivíduo não sofre em não alcançar seus objetivos, mas sim de não conseguir realizar sua eliminação do seu ser próprio, do seu “eu”, não se tornando o seu objetivo. O desespero fica intimamente ligado a este incomodo do “eu” que busca fugir de si próprio, pois tal “eu” é visto como sendo algo que lhe traz muita frustração, insuficiência e fracasso. Este é a luta que o homem trava consigo mesmo, a tentativa de sua própria eliminação, este é então o desespero que se torna uma “doença mortal” orientada para a morte.

#### **4.4. Uma sociedade do desespero guiada pela depressão**

Considerado como grande filósofo contemporâneo ele enfrentou divergências ao tentar expressar seu pensamento aos que estavam próximos, como o magistério. Ao fim de sua vida houve o início da valorização de sua filosofia, mas seus textos (obras) ficou como grande referência a outros filósofos.

Ao aproximar-se sua filosofia existencialista, fica o compromisso de abordar as questões da angústia como meio de liberdade e alcance da fé, e superação do desespero, como paralelamente, a doença que leva até a morte, com um compromisso de uma solução para a problemática levantada no tema deste trabalho.

Atualmente a concepção da angústia toma diagnóstico negativos, apavorantes, até mesmo mencionado como uma doença, que afasta a compreensão do ser individual e aproxima ao senso do coletivo, “O conceito de pecado e de culpa constitui o indivíduo como o indivíduo” (KIERKEGAARD, 2020, p. 103). No coletivo polui o raciocínio claro e aglomera no pensamento desesperador e traça um declínio pejorativo referente a morte. Tal aspecto do indivíduo não individualizado, acarreta as consequências da angústia, e se é necessário tomar um ponto de superação as essas barreiras. Em Kierkegaard, a fé, por meio da literatura bíblica, da história de Abraão, vai traçar a superação causada por esta escola da angústia, sendo como rumo primordial.

Com uma filosofia que trouxe um ponto de vista diferente ao termo “angústia”, Kierkegaard nos traz a perspectiva da fé, como meio de superação, um salto necessário, para assim bem viver. O intuito deste projeto é poder alcançar uma alternativa de como lidar com a angústia presente nos dias de hoje, no trabalho, na casa, nos afazeres diários e no desenvolvimento pessoal, que nos levam a um rumo ao desespero, que nos traz a perspectiva de abandono e vazio, à um possível desenvolvimento de uma depressão e sentimentos mórbidos.

Segundo o artigo de Flávia Rocha Campos Bahls (2003), sobre “Psicoterapias da depressão na infância e na adolescência” a depressão se tornou algo frequente nos jovens menor de 18 anos, e aparenta estar aumentando. Diz a pesquisadora “A depressão maior em crianças e adolescentes, embora de reconhecimento recente, vem alcançando níveis epidemiológicos preocupantes, com taxas de prevalência-ano em crianças[...]” (Bahls, 2003) essa agravante pode se perdurar na vida adulta. Com essas informações o presente trabalho visa desta maneira a necessidade de estudar

a “reconfiguração”, no pensamento Kierkegaardiano, do termo, angústia, para a melhor compreensão da comunidade externa, com intuito de um enfrentamento das doenças contra a saúde mental dos jovens.

Dos cuidados a ser tomados é que da mesma angústia se pode ter o desespero, que leva a perda do sentido da vida, o sentido de morte ganha predominância. Atentando a tal situação o desespero é o caminho do pecado, que por final o afastamento da fé. A angústia se vê numa colocação que leva o ser humano ao raciocínio da verdade que se edifica no encontro com Deus e consigo mesmo.

#### **4.5. Fé como meio de superação da angústia, desespero e morte**

Utilizando das próprias falas do filósofo, “A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 161 e 162), chegamos no ponto culminante da ideia desenvolvida por Kierkegaard, a fé como meio de superação da angústia, e esta como uma formadora na vida que nos orienta a esta fé.

Os que estão nesta formação da angústia é trabalhado na possibilidade, e estando assim “[...] só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com sua infinitude.” (KIERKEGAARD, 2020, p. 162). O indivíduo encontra-se na vivência das possibilidades, onde, cuja esta, leva o indivíduo a administrar as que o filósofo vai dizer como sendo “[...] a possibilidade há de descobrir todas as finitudes, [...]” (KIERKEGAARD, 2020, p. 163), e estando nelas, leva o indivíduo a mergulhar nas possibilidades de angústia, que só se pode então vencê-las na fé como a antecipadora.

Não se pode o ser humano, desejar enganar a possibilidade, pois se não ela afugenta a formação que se é fornecido na angústia e assim não chega a fé.

Assim, a fé é o ardor íntimo totalmente irreduzível a uma crença que vai desfiando seus complementos de objetos diretos destinados à exterioridade onde o espírito permanece estranho a si mesmo. A certeza interior, certeza existencial, não objetiva, é própria da fé que é precompeensão não conceitual da própria lei do devir da criatura. A fé é paixão perseverante da existência no tempo, a irrupção do eterno no tempo abre o futuro para o existente em sua paixão, em sua paciência, em sua perseverança. Como tal, a fé se opõe à exterioridade, própria da crença sempre sujeita à tentação da superstição,

que se deve à reificação dos enunciados da fé. A superstição cristã indica sempre a falta de interioridade daquele que se entrega a ela. (FARAGO, 2006, p. 173)

Farago vai apresentar o pensamento Kierkegaardiano da fé como realmente é. Para Kierkegaard, a fé não está nos sujeitos de vínculos com dogmas ou qualquer outro objeto externo, ela é por si um contraste com a exterioridade da crença. Seu caráter mais íntimo com a sua existência é ser uma certeza interior, obstante da objetividade, e aprofundada na experiência implicada no indivíduo. Ela vai ser apresentada no trecho pelo comentador como uma paixão perseverante, que ele busca associar como ela sendo um conector do ser finito com o eterno. Esta forma de conexão que permite a possibilidade do futuro no indivíduo.

Para melhor elucidar a necessidade da fé, podemos referir a um personagem bíblico usando pelo filósofo no seu livro “Temor e Tremor”, nele vamos entrar na vida de Abraão, aquele que é considerado o pai da fé, “Através da fé conseguiu Abraão a promessa de que todas as nações da terra seriam abençoadas em sua posteridade” (KIERKEGAARD, 1964, p. 13). Nesta narrativa vamos encontrar elementos que ajudam a alimentar o pensamento do autor. A angústia que é tratada neste livro, quando não superada pelo salto da fé, vai em encontro ao desespero. E para afugentar destes problemas o filósofo trabalha na concepção da fé em relação a angústia. Seguindo como escritor cristão, ele tenta desempenhar a missão da salvação do indivíduo. Tenta desta maneira instaurar uma ponte entre a filosofia e a teologia.

[...] E entretanto Abraão era o escolhido de Deus e era o próprio Senhor que lhe fazia sofrer a provação. Tudo então estava a perder-se! O renome extraordinário da raça futura, a promessa feita á posteridade de Abraão, tudo isso não fora senão fugaz clarão divino que ele tinha de apagar agora. Esse fruto estupendo, tão antigo quanto a fé no coração do patriarca, e anterior em muitos anos a Isaac esse fruto da existência de Abraão, que a oração santificara, que a luta amadurecera, essa benção nos lábios do pai, esse fruto, ia ser-lhe arrebatado e perder todo significado: que significado, verdadeiramente, podia conter a promessa, quando era preciso sacrificar Isaac! Hora de tristeza essa, e venturosa apesar de tudo, em que Abraão, erguendo pela vez derradeira a fronte venerável, que resplandia como a do Senhor, deveria dizer adeus a tudo aquilo que amava, recolhendo o espírito para dar a benção cuja virtude se faria sentir por toda a existência de Isaac – tal hora jamais chegaria! Pois Abraão deveria dizer adeus ao filho, ficando aqui em baixo; estariam separados pela morte, porém fazendo de Isaac a sua presa. (KIERKEGAARD, 1964, p. 15)

Pode-se ver neste trecho que se tem a retratação do momento que Abraão é posto em uma prova, onde deve entregar seu único filho a sacrifício, ele que foi prometido ser pai de uma grande geração, teria que entregar seu filho a sacrifício a mando do Senhor. Kierkegaard vai utilizar esta narrativa para demonstrar a fé e seus paradoxo, e como se dá essa relação do humano com o divino. Abraão é considerado o pai da fé, o homem com muita fé. Na narrativa o decorrer dos fatos mostra um absurdo extremo que é a necessidade de cumprir a ordem de Deus, que foi entregar seu filho Isaac a sacrifício, este que por sinal foi a mostra do cumprimento da promessa feita a ele. Mas mesmo angustiado com tal pedido, nos é mostrado a confiança mesmo diante a perda, em que Deus cumprirá com suas promessas, isso mostra que o entendimento divino fora do alcance do entendimento humano, e que a grandeza de fé está relacionada com a angústia que se é apresentada. Aqui se mostra a verdadeira fé que é diferente da crença, pois, “Não obstante tudo isso, Abraão creu para esta existência.” (KIERKEGAARD, 1964, p. 16), nada disso foi superficial ou ética, mas a força de aceitar até mesmo o absurdo com esperança, fidelidade e fé verdadeira, “Se a sua fé dissesse respeito à vida futura, ter-se-ia facilmente despojado de tudo, para deixar rapidamente um mundo ao qual já não pertencia. Não era, porém, deste tipo a fé de Abraão, se porventura isso é fé.” (KIERKEGAARD, 1964, p. 16). Este “sacrifício de Isaac” nos mostra como é o movimento de superação, salto, que a fé realiza ao transcendente, superando a ética a angústia e moral, apenas a um adentro na esfera do religioso.

## 5. CONCLUSÃO

Com este trabalho, pode-se concluir que o filósofo Dinamarquês, Søren Aabye Kierkegaard tem o intuito de ressaltar a existência humana na particularidade no indivíduo, estando ele em sua plena singularidade. Aqui a liberdade toma frente no seu pensamento, pois ela é algo essencial. Com ela, deparamos com as possibilidades da vida. Estas possibilidades nos levam a um contexto de responsabilidade, mas orientadas na vontade, que porventura encontra com a angústia. O ser humano na sua real natureza é angustiado. Isso se dá na relação liberdade e possibilidade. Mas os que não encontram a relação, angústia e liberdade, podem cair num estágio ainda pior que é o de extrema preocupação, o de se encontrar desesperado. Este desespero, é o afastamento do ser em si. O desespero nos leva a um cume da morte, e essa não sendo propriamente a doença, mas resultado daquele que está desesperado, pois o desesperado vai ao encontro da morte, deseja morrer, e assim interrompe qualquer relacionamento com Deus. Mantém anulada a percepção do pecado, e permanece na pecaminosidade.

Nos dias de hoje podemos ver a crescente de pessoas que não desejam mais continuar suas vidas, elas encontram com um estado de depressão que os leva a um estado de desânimo total, quando esta não as leva a um desejo de morte. A situação alastra cada dia a mais na juventude e aos que não conseguem mais travar uma consciência com si mesmo. Sofrem em silêncio, pois não sabem mais exteriorizar suas angústias, e veem ela como apenas na dimensão melancólica, permitindo seu afastamento com qualquer tentativa de recuperação. Este esvaziar da relação da liberdade com a angústia diante as possibilidades, levam ao estado de desespero, que é a tentativa de eliminação do ser.

Para superar tudo isso é preciso novamente, como fez o filósofo dinamarquês, olhar para si, e reconfigurar suas expectativas, aprender com a angústia, identificar o “eu”, e neste “eu” encontrar as possibilidades futuras, pois a angústia nos permite, diretamente, está vinculado o finito com o eterno. O indivíduo com esse devir consegue não obstante, suspender o estado moral, e encontrar como Abraão o estado do homem religioso, aquele que identifica a fé verdadeira, e esta fé como sendo

diferente das crenças, mas sim uma entrega, uma esperança e força. Não podemos deixar cair no estado de abandono, mas permitir encontrar a força do homem, que orienta na sua caminhada, e como o pai na fé, sustenta a natureza real do homem, aquele que é voltado ao transcendente. Aquele que não se estrutura na fé não consegue dar os passos para continuidade. A solução para o problema levantado é este salto de fé, aquele que caminha na angústia, usufruindo dela como formadora, dar-se em encontro com o eterno, supera as colocações destrutivas do homem (desespero, pecado, desejo de morte) e vai ao encontro da superação da vida “ética” ao grau da vida “religiosa”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Primárias

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP : Editora universitária São Francisco, 2013. 177 p. ISBN 978-85-326-3944-8.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O desespero humano**. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2010. 168 p.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Temor e tremor**. 1. ed. São Paulo, SP: livraria exposição do livro, 1964. 115 p.

### Secundárias

REGINA, Umberto. **Kierkegaard**. 1. Ed. São Paulo, SP: editora Ideias & Letras, 2016. 319p

BACKHOUSE, Stephen. **Kierkegaard: uma vida extraordinária**; tradução de Nírio de Jesus Moraes. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**; tradução de Ephraim F. Alves. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

### Terciária

BAHLS, Saint Clair; BAHLS, Flávia Rocha Campos. Psicoterapias da depressão na infância e na adolescência. **Estudos de Psicologia**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2003. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/6673>. Acesso em: 13 nov. 2024.